

**FACULDADE DE FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA**

KARINA DE OLIVEIRA MACHADO

**A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE
AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO
ENSINO DA MATEMÁTICA**

**Porto Alegre
2007**

KARINA DE OLIVEIRA MACHADO

**A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE AS RELAÇÕES
INTERPESSOAIS NO ENSINO DA MATEMÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Orientadora: Profa. Dr. Maria Beatriz J. Ramos

Porto Alegre
2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M149p Machado, Karina de Oliveira
A Percepção do professor sobre as relações
interpessoais no ensino da Matemática. / Karina de
Oliveira Machado. – Porto Alegre, 2007.
87 f.

Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e
Matemática) – Faculdade de Física, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Beatriz J. Ramos.

1. Educação. 2. Matemática - Ensino.
3. Ensino-Aprendizagem. 4. Relações
Interpessoais. 5. Relação Professor-Aluno.
I. Título.

CDD 370.15

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

KARINA DE OLIVEIRA MACHADO

A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR SOBRE AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências e Matemática.

Aprovada em 03 de Julho de 2007.

Banca Examinadora:

Orientadora: Profa. Dr. Maria Beatriz J. Ramos - PUCRS

Prof. Dr. Vicente Hillebrand - PUCRS

Profa. Dr. Bettina Steren dos Santos - PUCRS

*À minha família, que esteve sempre presente compartilhando esse sonho,
que, em muitos momentos, pareceu tão distante e difícil de realizar.
Cada um foi fundamental nessa caminhada, com sua incansável
compreensão e afetuoso olhar, mostrando-me ilimitadas
possibilidades para seguir em frente.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em especial, à minha família pelo fiel estímulo, paciência interminável e carinho, tão necessários em inúmeros momentos do desenvolvimento deste trabalho. E, principalmente, por acreditarem na minha capacidade de vencer mais essa etapa da minha trajetória pessoal e profissional.

À minha orientadora, Dra. Maria Beatriz, pela constante compreensão dos meus limites e dos obstáculos que surgiram durante essa construção. Ela foi minha inspiração, que me fez enxergar de outra forma a minha prática pedagógica, isso devido a sua permanente disposição em compartilhar suas idéias, com críticas, sugestões e comentários sempre muito adequados ao momento.

Não poderia deixar de agradecer aos amigos especiais que, com seu persistente apoio, me ajudaram a seguir em frente.

Agradeço, também, aos meus colegas, professores de Matemática, que aceitaram participar dessa pesquisa, e que muito me influenciaram para renovar e repensar a minha prática educativa.

Agradeço a Deus por me proporcionar mais essa incrível oportunidade.

E, por último, mas não menos importante, agradeço aos meus professores e colegas de curso que tanto enriqueceram a minha vida.

*“A vida não se justifica pela utilidade.
Ela se justifica pelo prazer e pela alegria”.*

Alves, (2005).

RESUMO

Este estudo investiga as opiniões de seis professores de Matemática, de três escolas de Ensino Fundamental, na Rede Pública de Porto Alegre, sobre o relacionamento interpessoal e sua influência no processo de ensino e aprendizagem. Também pesquisei as relações do professor com os alunos como estimulador da aprendizagem. Para isso, trabalhei com as modalidades de comunicação do professor de Matemática e seus posicionamentos sobre a importância das relações humanas em sala de aula. Observei suas falas, o modo como teciam as comunicações e redes de relações com os alunos, em entrevistas semi-estruturadas. Durante esta pesquisa, reforcei a crença na força do vínculo afetivo estabelecido com os alunos no processo de aprender, para a formação de pessoas conscientes e capazes. O objetivo principal da pesquisa foi analisar as opiniões dos professores de Matemática, do Ensino Fundamental, de escolas públicas estaduais, sobre a influência dos relacionamentos interpessoais no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos. Para aprofundar o tema direcionei questões que remetessem ao cotidiano das situações de sala de aula, no encontro entre professor e alunos. Esta pesquisa tem relevância, à medida que faz pensar sobre os relacionamentos interpessoais como propulsores do desejo de aprender e de despertar o interesse e a curiosidade dos alunos. Também remete ao contexto dos parâmetros/limites tão necessários em sala de aula. O professor precisa saber o que faz, como faz e portanto, como deve-se relacionar e exigir do outro, pois só assim serão criadas as condições para que ocorram o ensino e a aprendizagem.

Palavras-chave: Afetividade. Relação Professor-Aluno. Educação Matemática. Ensino e Aprendizagem.

ABSTRACT

This study investigates the opinions of six mathematics teachers from three public elementary schools in Porto Alegre on interpersonal relationship and its influence on the teaching-learning process. Also investigated the relationships between teacher and students as a stimulant for learning. To do that, I worked with the mathematics teacher's communication modalities and their stance on the importance of human relations in a classroom. I observed their speech, the way they developed communications and social networking with the students, in semi-structured interviews. During this research, I reinforced the belief in the power of the affectional bond established with the students in the learning process for the formation of capable and aware individuals. The main goal of the research was to analyze the opinions of the elementary school mathematics teachers in state public schools on the influence of interpersonal relationships in the teaching-learning process of mathematical content. In order to deepen the subject I prompted questions that evoked the daily classroom routines at the parents-teachers meeting. This research has relevancy, for it makes one think about interpersonal relationships as propellers of the desire to learn and to spark the students' interest and curiosity. It also evokes the context of the ever so necessary guidelines/boundaries in a classroom. The teacher must know what to do, how to do it and, therefore, how to relate to and make demands from others, because only then the conditions for the occurrence of the learning and of the teaching will have been created.

Keywords: Affectivity. Teacher-student relationship. Mathematics education. Teaching-learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	11
3 OBJETIVOS.....	14
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	15
4.1 AFETO E COGNIÇÃO NO ENSINO DA MATEMÁTICA	15
4.2 O PROFESSOR E SEU PAPEL SOCIAL.....	20
4.3 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	22
5 METODOLOGIA	25
5.1 DESCRIÇÃO DO ESTUDO	25
5.2 QUESTÃO CENTRAL DA INVESTIGAÇÃO	26
5.3 OUTROS QUESTIONAMENTOS.....	26
5.4 SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO E CAMPO DE AÇÃO	26
6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	27
6.1 O RELACIONAMENTO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO DA MATEMÁTICA.....	27
6.2 OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM, DO CONTEÚDO MATEMÁTICO, NA PERSPECTIVA DOCENTE	35
6.3 OS COMPORTAMENTOS DE PROFESSOR DIANTE DOS CONFLITOS E DESAFIOS EM SALA DE AULA	40
6.4 A RELAÇÃO ENTRE O APRENDER E O ENSINAR NO APROVEITAMENTO ESCOLAR DOS ESTUDANTES	44

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
-------------------------------------	-----------

REFERÊNCIAS	52
--------------------------	-----------

APÊNDICES	56
------------------------	-----------

Apêndice A - Entrevista com o Professor A.....	57
--	----

Apêndice B - Entrevista com o Professor B.....	64
--	----

Apêndice C - Entrevista com o Professor C	69
---	----

Apêndice D - Entrevista com o Professor D	76
---	----

Apêndice E - Entrevista com o Professor E.....	79
--	----

Apêndice F - Entrevista com o Professor F	83
---	----

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa na área da Educação em Ciências e Matemática trata de assuntos relacionados à importância do campo afetivo na aprendizagem escolar, na visão do professor.

Teve, como sujeitos, professores do Ensino Fundamental, de três escolas, da Rede Pública de Porto Alegre. A questão principal foi explicitar a influência dos relacionamentos interpessoais no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos, além de entender a forma como o professor dimensiona os relacionamentos com os estudantes, o intercâmbio e a comunicação da matéria, assim como a importância da dimensão afetiva na compreensão dos conteúdos relacionados a essa disciplina.

O foco principal constituiu-se no entendimento das relações humanas na sala de aula no Ensino da Matemática. Há muito para refletir, analisar e compreender nesse sentido, ao pensar nos tópicos trabalhados em sala de aula, por vezes abstratos e complexos, para o nível de desenvolvimento afetivo e intelectual dos estudantes.

A escolha desse tema deve-se às observações e a inúmeros relatos de colegas e alunos quanto à importância das relações entre professores e alunos para uma aprendizagem significativa e prazerosa.

2 JUSTIFICATIVA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

“O educador é um guia porque mostra o caminho a seguir sem, todavia tirar do educando sua liberdade individual. Ele não força, mas, revela a verdade com sua beleza e, a vantagem de abraçá-la com amor” (ALMEIDA, 1986 p. 127).

Ao ingressar na Faculdade de Licenciatura Plena em Ciências e Matemática para o Ensino Fundamental, eu não tinha idéia do que encontraria, nem dos desafios que teria pela frente, pois nem pensava na possibilidade de ser professora. No mesmo mês iniciei como bolsista em um projeto para qualificar a formação de Professores dessa área. Foi uma experiência determinante para minha permanência e motivação nesse campo do conhecimento, pois contribuiu para me tornar a pessoa, a professora que sou hoje.

Particpei de projetos com diferentes propostas, um deles oportunizara, aos licenciandos, experiências e vivências em sala de aula, substituindo os professores que estariam participando de cursos na Universidade. Foi meu primeiro contato com a realidade escolar e onde apliquei na prática tudo o que estava aprendendo na teoria.

Comecei a perceber a necessidade de a escola voltar-se ao significado do aprender, em espaços formais e no reforço da auto-estima de seus alunos.

Nesse período percebi que os processos de ensino e aprendizagem são teias de fenômenos, em que uma parte depende da outra para manter sua existência. O educar é muito mais que simplesmente transmitir uma longa lista de conteúdos, os sentimentos e as relações interpessoais estão sempre presentes. O bom relacionamento é fundamental, tornando-se completo quando há diálogo, colaboração, participação, trabalhos e jogos em conjunto, desenvolvendo, assim, o respeito mútuo.

Senti que o segredo do bom ensino é o entusiasmo do professor, que vem de seu amor à ciência e aos alunos; esse amor pode e deve ser canalizado mediante planejamento e metodologia adequada visando, sobretudo, ao incentivo dos alunos.

Ensinar é uma ação que deve ser feita com prazer, sempre encarando como um desafio. A paixão deve ser o motor do bom professor. É muito bom ensinar pelo prazer em si.

Iniciei no magistério em uma escola da Rede Estadual de Ensino, no município de Porto Alegre, como professora de Matemática de quinta série. Aprendi muito nessa escola, nas trocas com outros colegas, que também enfrentavam os mesmos conflitos que eu, o que me levou à certeza de que muito havia a descobrir e entender. Foi um estímulo que me levou à compreensão de que essa profissão exige cada vez mais a qualificação docente, diante de um contexto complexo como a sala de aula.

Minha reflexão detém-se nos sentimentos envolvidos na relação professor-aluno e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

Analisei as opiniões dos professores de Matemática, de escolas do Ensino Fundamental, na Rede Pública, sobre o relacionamento interpessoal e a sua influência no processo de ensino e aprendizagem.

Para isso, trabalhei com as modalidades de comunicação do professor de Matemática, seus posicionamentos sobre a importância das relações afetivas em sala de aula.

Registrei as falas dos professores, o modo como constroem as relações afetivas com os alunos.

É importante tratar o aluno como um sujeito, um ser humano que tem desejos, que é movido por esses desejos, um ser social que ocupa um lugar.

O aspecto afetivo é fundamental na sala de aula, e não um domínio estanque, sem nenhuma relação com o conhecimento.

Uma razão que me levou a realizar este trabalho de pesquisa foi a observação dos sentimentos de diversos professores e alunos com relação à aprendizagem. A maioria dos professores tem dificuldades em lidar com os sentimentos de seus alunos, ignorando-os por completo. Na sala de aula diferentes emoções se expressam, e elas devem ser valorizadas; o professor deve utilizá-las como fonte de energia, encarando-as como parte do contato com o conhecimento.

Na relação professor-aluno, a afetividade tem um papel decisivo, pois impulsiona as ações, ficando claro, no caso da escola, a importância dessa relação, de modo que ambos convivam em um ambiente de harmonia, e que a aprendizagem possa fluir com mais facilidade, gerando um maior rendimento e maior interação.

O relacionamento entre professor e aluno deve ser de amizade, solidariedade, respeito mútuo, afinal não há aprendizagem em um ambiente hostil, pois essa é troca de experiências, em que um auxilia outro.

Se não houver, por parte do professor, respeito aos valores sociais que vão diferenciar seus alunos, dificilmente haverá respeito, compreensão, amizade ou qualquer outra forma de relação que possa colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem. O que o aluno aprende está diretamente ligado ao relacionamento que este tem com o seu professor.

Hoje sinto que nasci para ser educadora, descobri o prazer de ver os olhos de meus alunos fascinados por novas idéias, novos desafios e percebo essa experiência de forma prazerosa.

Minha formação é algo que vem se dando ao longo do tempo, a partir da reflexão sobre minha ação pedagógica, a cada vez que busco respostas às questões que desafiam o dia-a-dia tanto pessoal como profissional.

3 OBJETIVOS

O objetivo desta pesquisa foi: Analisar as opiniões dos professores do Ensino Fundamental, de três escolas públicas estaduais, sobre a influência dos relacionamentos interpessoais nos processos de ensino e aprendizagem dos conteúdos matemáticos.

Outros objetivos também foram considerados como:

- a) analisar o papel do professor como estimulador da aprendizagem;
- b) verificar as modalidades de comunicação do professor de Matemática, seus posicionamentos e a importância que atribui às relações humanas em sala de aula;
- c) estudar as falas dos professores, o modo como constroem os relacionamentos afetivos e cognitivos com os alunos no ensino da Matemática;
- d) compreender a influência das trocas e comunicações entre professor e alunos à aprendizagem dos temas trabalhados em aula.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

4.1 AFETO E COGNIÇÃO NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Educar pelo afeto e para o afeto é um caminho que precisa ser trilhado em busca da aprendizagem, esse é um processo em que se constroem possibilidades de criar um ser social singular, visando a seu crescimento, potencialidades e limites. É estimulada a motivação, ressaltando que é importante não se satisfazer com o mínimo, mas aprender sempre. O aluno é um sujeito, um ser humano que tem desejos, que é movido por esses desejos; um ser social que ocupa um lugar.

Para ser professor é importante estar aberto ao outro, ao novo, ao desconhecido; é querer o crescimento dos alunos e da própria prática educativa. Isso não significa uma obrigação, nem querer bem a todos os alunos de maneira igual. A afetividade não deveria assustar, não deveria provocar medo ao expressá-la, mesmo ela sendo profunda e complexa, pois ela está presente em todas as relações humanas, a partir do momento em que um sujeito se liga ao outro.

A abertura ao querer bem, a compreensão da outra pessoa, significa selar um compromisso com os educandos. É errada a relação que diz que, quanto mais severo, mais frio e distante for o professor, melhor ele ensinará. A afetividade não pode interferir no cumprimento ético do dever de professor, no ofício de sua autoridade; não pode deixar condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que se tenha por ele.

A abertura ao querer bem está ligada à alegria de viver, o que não transforma o professor num ser adocicado, nem tampouco num ser amargo. Ser professor deve ser uma experiência alegre por natureza. A seriedade docente, a rigurosidade, não é contrária à alegria.

O desrespeito à educação, aos professores e alunos corrói essa alegria ao querer bem da própria prática educativa, perdendo assim o seu sentido de existir. A prática educativa envolve afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico.

Não seria necessário aprender a respeito dos estudantes? Conhecer quais seus verdadeiros níveis cognitivos e afetivos, quais suas condições de vida, como fundamento para o diálogo e o questionamento?

Antes de qualquer separação entre a afetividade e a inteligência, existe uma integração que as permite conviver concomitantemente, mesmo quando o período é propício para preponderância de apenas uma delas. A afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável. Ambas evoluem ao longo do desenvolvimento: são construídas e se modificam de um período a outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas (ALMEIDA, 1999, p. 50).

O bom relacionamento entre os integrantes do processo de ensino e aprendizagem é fundamental, ele torna-se mais completo quando existe diálogo, colaboração, participação, trabalhos e jogos em conjunto, desenvolvendo assim respeito mútuo.

A afetividade é tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano. Ela não deve ser considerada como um sentimento, nem mesmo como paixão ou emoção. É, certamente, um termo mais amplo.

A afetividade é a mola propulsora das ações, mesmo existindo outros inúmeros objetivos ou situações para o desenvolvimento da inteligência. Sem dúvida, as relações humanas na sala de aula devem ser de amizade, solidariedade, respeito mútuo, afinal não há aprendizagem em um ambiente hostil; aprendizagem é uma troca de experiências, onde um auxilia outro.

Mas é preciso dizer que já no mundo mamífero e, sobretudo, no mundo humano, o desenvolvimento da inteligência é inseparável do mundo da afetividade, isto é, da curiosidade, da paixão, que, por sua vez, são a mola da pesquisa filosófica ou científica. A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais (MORIN, 2005, p. 22).

A dimensão afetiva do indivíduo determina a qualidade da aprendizagem e, muitas vezes, esse aspecto é deixado de lado. Incluem-se, nessa dimensão, uma extensa categoria de sentimentos e de humor, assim como as crenças, atitudes e valores, interesses, impulsos e tendências.

A racionalidade não dispõe, portanto, de poder supremo. É uma instância concorrente e antagônica às outras instâncias de uma tríade inseparável, e é frágil: pode ser dominada, submersa ou mesmo escravizada pela afetividade ou pela pulsão (MORIN, 2005, p. 53).

O vínculo entre professor e aluno não se estabelece pelo conteúdo da disciplina que é ministrada, mas pela relação existente entre eles. Por isso é fundamental que haja respeito, compreensão, amizade, no sentido de colaborar com o desenvolvimento da aprendizagem. O que o aluno aprende está diretamente ligado ao relacionamento que este tem com seu professor.

O professor deve procurar utilizar as emoções como fonte de energia e, quando possível, as expressões emocionais dos alunos como facilitadores do conhecimento. É necessário encarar o afetivo como parte do processo de conhecimento, já que ambos são inseparáveis (ALMEIDA, 1999, p. 103).

Muitas vezes, aprendem-se assuntos de que não se gosta, apenas por se gostar da pessoa que os ensina. A memória guarda o que dá prazer.

A afetividade e a inteligência se fundem, pois uma depende da outra para evoluir, a dimensão afetiva é um elemento marcante para todo o desenvolvimento da espécie humana. Assim, fica evidente a importância que tem, para os educadores, o seu conhecimento; toda prática pedagógica deve dar a devida importância às suas relações, buscando sempre uma maior qualidade, valorizando os aspectos afetivos, social e cognitivo, integrando-os e percebendo sua importância no desenvolvimento do educando.

Emoção e inteligência são duas propriedades inseparáveis da atividade humana; quando não se revelam é porque se encontram em estado virtual. A emoção está sempre presente na vida do indivíduo; mesmo em estados de serenidade ela se encontra como que latente. Portanto, se nenhuma atividade, por mais intelectual que seja, suprime a emoção, nenhuma situação emocional, por mais intensa que seja, elimina completamente a presença da razão. Convivendo em estado de perfeita comunhão, quando uma se sobressai na atividade, é porque a outra encontra-se eclipsada. Dessa relação de complementaridade entre a emoção e a inteligência depende o desenvolvimento do sujeito (ALMEIDA, 1999, p. 83).

Quando alunos e professores estão em um mesmo ambiente harmônico, integrados e trabalhando em conjunto, cria-se um novo sentido ao aprender e ao ensinar. Essa relação é extremamente importante para a compreensão do valor da escola por parte do aluno.

Paulo Freire (2003, p. 122) em Medo e Ousadia diz:

Penso que deveríamos entender o “diálogo” não como uma técnica apenas que podemos usar para conseguir obter alguns resultados. Também não podemos, não devemos, entender o diálogo como uma tática que usamos para fazer dos alunos nossos *amigos*. Isso faria do diálogo uma técnica para a manipulação, em vez de iluminação. Ao contrário, o diálogo deve ser entendido como algo que faz parte da própria natureza histórica dos seres humanos. É parte de nosso progresso histórico do caminho para nos tornarmos seres humanos.

Em uma entrevista à Revista Planeta, o educador e secretário de Educação do Estado de São Paulo, Gabriel Chalita, foi questionado de como é, na prática, educar com afeto, e ele respondeu:

Educar com afeto é educar com dignidade. É ajudar o aluno a perceber que ele é importante. Olhar nos seus olhos, tratá-lo pelo nome, compreender suas dúvidas, seu tempo de aprendizagem. Compreender que não há dois alunos idênticos. A educação tem de ser heterogênea. O aluno não deve se sentir diminuído porque não sabe o que o outro sabe. Cada um tem o seu tempo e sua dificuldade. Mas todos os alunos são igualmente belos (JANEIRO DE 2006).

Essa relação tem como razão maior, a busca de conhecimento. É essencial a existência de uma relação saudável entre aquele que aprende e aquele que ensina, pois, na verdade, um auxilia o outro.

A disciplina se faz necessária, pois a escola está formando pessoas, porém essa disciplina não precisa ser aquela tradicional ainda muito usada nas escolas, essa pode reprimir a criança ao invés de desenvolvê-la melhor.

A comunicação, a valorização dos sentimentos das percepções e das vivências educacionais pode, certamente, contribuir para a melhoria do rendimento do aluno, conseqüentemente para a melhoria do desenvolvimento das aulas. Os alunos precisam ser reconhecidos como uma pessoa única, eles precisam ser valorizados.

Ensinar é uma atividade humana que requer interação entre pessoas, com a finalidade de atingir determinados objetivos. A sala de aula é um ambiente de trabalho constituído de interações humanas. Essas interações não são um aspecto secundário ou periférico no trabalho do professor e sim o núcleo, sendo assim determinam a própria natureza dos procedimentos.

Os professores não buscam somente realizar objetivos; eles atuam, também, sobre o objeto. O objeto do trabalho dos professores são seres humanos individualizados e socializados ao mesmo tempo. As relações que eles estabelecem com seu objeto de trabalho são, portanto, relações humanas, relações individuais e sociais ao mesmo tempo (TARDIF, 2004, p. 128).

Embora os professores ensinem a grupos, turmas, eles não podem esquecer as diferenças individuais, afinal são os indivíduos que aprendem. As situações vivenciadas em uma sala de aula não têm soluções universais, globais.

Os alunos são heterogêneos, não possuem as mesmas possibilidades sociais, nem as mesmas capacidades pessoais. As possibilidades de ação variam, assim como a capacidade de aprender.

A cada dia o ensino vem-se deparando com alunos mais heterogêneos no sentido de origem social, cultural, étnica e econômica, além das disparidades cognitivas e afetivas.

É inevitável a manifestação do componente emocional quando se fala em seres humanos. Grande parte do trabalho do professor está ligada ao aspecto afetivo e emocional. Isso baseado em emoções, em afetos, além da capacidade de pensar, de perceber e de sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias e seus próprios bloqueios.

Os alunos são seres ativos, que podem ser capazes de oferecer resistência às iniciativas do professor. Por isso uma das principais atividades do professor é fazer as ações dos alunos se harmonizarem com as suas e não o contrário.

Como os professores trabalham com seres humanos, as suas relações são essencialmente sociais, incluindo as tensões, os dilemas, as negociações e estratégias de interação.

O professor tem de trabalhar com grupos, mas também tem de se dedicar aos indivíduos, deve dar a sua matéria, mas de acordo com os alunos, que vão assimilá-la de maneira muito diferente; deve agradar aos alunos, mas sem que isso se transforme em favoritismo; deve motivá-los, sem paparicá-los; deve avaliá-los, sem excluí-los, etc. Ensinar é, portanto, fazer escolhas constantemente em plena interação com os alunos. Ora, essas escolhas dependem da experiência dos professores, de seus conhecimentos, convicções e crenças, de seu compromisso com o que fazem, de suas representações a respeito dos alunos e, evidentemente, dos próprios alunos (TARDIF, 2004, p. 132).

Segundo Morin (2005): “A compreensão mútua entre os seres humanos, quer próximos, quer estranhos, é, daqui para frente, vital para que as relações humanas saiam de seu estado bárbaro de incompreensão”.

4.2 O PROFESSOR E SEU PAPEL SOCIAL

“A escola intervém nos rumos da sociedade, e é também continuamente influenciada pelo que ocorre fora do seu âmbito, na sociedade global” (RIOS, 2001, p. 39).

Desde o início da humanidade, há um caminho a ser trilhado para sua evolução, e esse caminho é a Educação. Um caminho sem mapa, sem guia, enfim que não sabemos aonde vai nos levar, pois vai sendo trilhado à medida que se determinam princípios, necessidades e valores da sociedade.

A escola não está nem fora da sociedade, com uma autonomia absoluta diante dos fatores que estimulam as mudanças sociais, nem muito menos numa relação de subordinação absoluta, que a converte em mera reprodutora do que ocorre em nível mais amplo na sociedade. A escola é parte da sociedade e tem com o todo uma relação dialética - há uma interferência recíproca que atravessa todas as instituições que constituem o social. Além disso, podemos verificar qual a escola que tem uma função contraditória - ao mesmo tempo em que é fator de manutenção, ela transforma a cultura (RIOS, 2001, p. 38).

O professor, para dar conta do ensino, necessita de uma atividade extremamente complexa, ultrapassando os limites da sala de aula. A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática resulta de um saber, de um fazer e, conseqüentemente, de um ser com compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação.

A prática docente é cheia de exigências que se interligam. Uma sem a outra fica sem sentido. Estamos vivendo uma diversidade cultural com uma pluralidade tecnológica da sociedade atual, o que está criando novos espaços de conhecimento e, conseqüentemente, exigindo um ensino ágil, vivo e com mais sentido para o aluno.

Seria, enfim, o professor necessário ou, na verdade, estaria querendo resistir à extinção de seu papel social? Assim como muitas profissões já acabaram, não teria chegado o momento do magistério? Dentro de uma perspectiva democrática de sociedade, vemos a absoluta necessidade do professor. Entendemos a escola como espaço de humanização, onde pode ser exercido o direito universal de acesso à cultura. Não basta o sujeito ter contato com a informação; é preciso ser ajudado no conhecimento da realidade social contraditória em que vive, buscando alternativas de superação. Essa função crítica se dá fundamentalmente na relação com o outro; nesse sentido, não existe conhecimento crítico "em si"; o que vai dar criticidade ou não são as relações que o sujeito vai estabelecer, a partir da provocação do outro (e do meio). Daí o papel mediador do professor entre o educando, o objeto de conhecimento e a realidade (VASCONCELLOS, 1998, p. 38).

A importância social da escola e do professor não pode ser caracterizada de modo linear ou mecânico. A convivência em sociedade requer um delicado equilíbrio entre a conservação e a mudança. Muito se espera do professor que trabalha nas escolas de hoje, onde há uma imensa exigência da modernidade, trazendo novas tecnologias e mudanças nos valores éticos e culturais.

A escola cumpre um papel de socialização nas sociedades contemporâneas. Essa socialização não implica unicamente preparar os alunos para o mundo do trabalho, e sim para a vida pública. O papel do professor é decisivo na formação pessoal e profissional das novas gerações.

O professor é um profissional que pretende provocar a reconstrução do conhecimento que os alunos adquirem durante sua vida prévia e paralela à escola, “envolvido com um conjunto de práticas que, ao mesmo tempo, mantêm e transformam a estrutura do social” (RIOS, 2001, p. 38).

Atualmente o aluno está cercado de alta tecnologia, porém carentes de toque, afeto, atenção, diálogo. Como diz Vasconcellos (1998): “Existem necessidades fundamentais do ser humano que só podem ser satisfeitas na relação de proximidade e interação com o outro”. Assim o professor sempre terá o seu lugar na sociedade.

4.3 EDUCAÇÃO MATEMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

“A Matemática precisa estar ao alcance de todos e a democratização do seu ensino deve ser meta prioritária do trabalho docente”

(PCN, 1997)

A Matemática tem um papel fundamental na construção da cidadania, o que significa inserir as pessoas no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura, ela permite solucionar problemas do dia-a-dia, tem inúmeras aplicações e “funciona como instrumento essencial para a construção de conhecimentos em outras áreas curriculares” (PCN, 1997, p. 15). Também tem forte influência na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento e na agilização do raciocínio dedutivo do aluno.

É crescente a presença da Matemática em diferentes campos da atividade humana. Ela não é, nem deve ser pronta e definitiva, e sim uma permanente construção da apropriação de conhecimentos. Nesse sentido a comunicação entre os envolvidos deve ser estimulada e reforçada.

Para que haja uma aprendizagem matemática é necessário compreensão, apreensão de significado; nesse sentido, apreender o significado de um objeto ou acontecimento significa entendê-lo nas suas relações. A Matemática torna-se mais prazerosa e com mais sentido quando são estabelecidas diferentes conexões, considerando-se a relevância social e a contribuição para o desenvolvimento intelectual do aluno. A função dos professores não está restrita apenas a ensinar e sim a formar pessoas, em que os conteúdos tornam-se parte integrante, como um instrumento que possibilita essa formação. Os alunos aprendem a partir de suas vivências cotidianas, dos conceitos que formam na prática, das comunicações e interações sociais, assim, a contextualização dos conteúdos e desenvolvimento de habilidades e competências auxiliam para que o aluno possa viver e conviver em sociedade.

A Matemática é um poderoso instrumento para o conhecimento do mundo, tendo como principais características a abstração, a precisão e o rigor lógico. Ela existe basicamente no campo dos conceitos abstratos e nas suas inter-relações, procurando sempre recorrer a exemplos concretos. Segundo o PCN de Matemática (1997, p. 27):

A vitalidade da Matemática deve-se também ao fato de que, apesar de seu caráter abstrato, seus conceitos e resultados têm origem no mundo real e encontram muitas aplicações em outras ciências e em inúmeros aspectos práticos da vida diária.

A Matemática faz parte da vida de todas as pessoas. O aluno precisa perceber sua importância, acreditando que ela pode favorecer o desenvolvimento do seu raciocínio, de sua capacidade expressiva e de sua imaginação.

Algum tempo atrás, o ensino de Matemática era marcado pela apresentação oral do conteúdo pelo professor, partindo para definições, exemplos e exercícios de fixação; acreditava-se que o aluno aprendia por reprodução. Porém essa prática mostrou-se ineficaz, hoje se sabe que o aluno constrói seu conhecimento, alterando-se assim, o papel, do professor nesse processo. Hoje o professor precisa ser um organizador, um mediador, um consultor e um incentivador da aprendizagem, que proporciona um ambiente de criação, comparação, discussão, revisão e

questionamentos, procurando identificar quais conhecimentos, hábitos, competências e valores são mais importantes para serem trabalhados.

A Educação Matemática provoca sentimentos contraditórios, de quem ensina e de quem aprende, percebe-se a constatação de que se trata de uma área importante do conhecimento, mas também se sente uma insatisfação perante os resultados negativos que ocorrem, com muita frequência, em relação à aprendizagem.

5 METODOLOGIA

5.1 DESCRIÇÃO DO ESTUDO

O material foi coletado por meio de entrevistas semi-estruturadas, com a finalidade de propor categorias de análise de conteúdos das falas dos professores, aperfeiçoando-as até atingirem uma clareza nas construções teóricas produzidas. As categorias foram pensadas na medida em que o professor de Matemática precisou refletir sobre as escolhas e relacionamentos em termos de ação, atuação e tratamento dos alunos. Elas também foram consideradas para responder as questões norteadoras da pesquisa, que como finalidade compreender a dinâmica das relações humanas no ensino da Matemática.

As dimensões apontadas encaminharam à análise dos seguintes tópicos:

- a) o relacionamento professor-aluno no ensino da Matemática;
- b) os processos de ensino e aprendizagem, do conteúdo matemático, na perspectiva docente;
- c) os comportamentos do professor frente aos conflitos e desafios em sala de aula;
- d) a relação entre o aprender e o ensinar no aproveitamento dos estudantes.

As questões orientaram o diálogo com os professores, possibilitaram uma livre associação de idéias sobre sua formação e trabalho no Ensino Fundamental, com crianças e adolescentes.

As entrevistas foram gravadas, e transcritas textualmente, pois não tinham um caráter diretivo, mas dialógico e reflexivo.

Os dados foram analisados em uma perspectiva qualitativa, onde sua construção é formada a pelo movimento de procura de compreensão que começo com um questionamento, partindo para construção de argumentos que respondam às questões iniciais, é um movimento cíclico.

5.2 QUESTÃO CENTRAL DA INVESTIGAÇÃO

Como o professor dimensiona o relacionamento interpessoal com os estudantes, do Ensino Fundamental, para facilitar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática?

5.3 OUTROS QUESTIONAMENTOS

De que modo o professor atende as diferenças pessoais e os comportamentos expressos pelos estudantes em relação ao conteúdo matemático?

Como o professor lida com os conflitos de relacionamento interpessoal em sala de aula?

Qual a influência dos relacionamentos entre professor e alunos para o aproveitamento e rendimento escolar?

5.4 SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO E CAMPO DE AÇÃO

Participaram desta pesquisa seis professores, de três escolas do Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual de Porto Alegre. As escolhas foram aleatórias, com a finalidade de compreender a dinâmica das relações entre professores e alunos; sem a finalidade de generalizar para o âmbito da Escola Pública, mas de focalizar e aprofundar este aspecto que considero relevante para a aquisição do conhecimento lógico-matemático. Trabalho como docente numa Escola Pública e minha prática demonstra a influência ao mesmo tempo a necessidade de aprofundar os parâmetros de relacionamento com os estudantes em sala de aula, Assim como essa vem comprovando a relevância do preparo do professor em termos pessoais e profissionais para trabalhar com os alunos da faixa etária de onze a quinze anos.

6 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para analisar os dados coletados nas entrevistas com seis professores de Matemática do Ensino Fundamental, de Escolas da Rede Estadual de Porto Alegre, organizei os discursos docentes de modo que respondessem à questão inicial deste trabalho, ou seja, como o professor dimensiona o relacionamento interpessoal com os estudantes, para facilitar o processo de ensino e aprendizagem da Matemática.

Portanto, nesse capítulo da pesquisa faz-se necessário o comentário das falas dos professores com base nas perguntas formuladas. Também é fundamental salientar que essas falas serão apresentadas a partir das dimensões que originaram as categorias indicadas a seguir.

Os nomes dos entrevistados foram omitidos, sendo denominados apenas com letras para manter o sigilo necessário e a preservação da sua identidade.

6.1 O RELACIONAMENTO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO DA MATEMÁTICA

O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É a tarefa, por excelência, de educadores.

(RIOS, 2006)

Todos os professores reconhecem que suas crenças, ações e características influenciam suas ações com os estudantes, principalmente na forma como estes se comportam na sala de aula, bem como em seus resultados na aprendizagem. Nesse sentido, os professores parecem ter consciência de que seus gestos, posturas e entonações de voz propiciam uma aproximação, o que facilita a criação de espaços de trocas na construção do conhecimento. Segundo o professor B “*a partir do momento que eles têm uma simpatia contigo torna-se mais fácil perguntar, resolver, errar, apagar e fazer de novo*”. Chacón (2003, p. 147) reforça isso dizendo:

O ensino e a aprendizagem não acontecem em um âmbito isolado e neutro, mas dependem do contexto no qual se ensina e do comportamento humano dos participantes. O professor também tem um papel de possível modelo de atuação.

O professor C afirma que *“a questão do espelho vale muito, eu cuido a minha postura diante deles, porque isso vai refletir neles com certeza, mais do que talvez aquele um mais um que ensinamos lá no quadro”*. Ele insiste nesse aspecto dizendo

Cuido muito a minha postura como professor, porque vejo muitos professores que em sala de aula são uma coisa e fora dela são completamente diferentes; penso que tenho que mostrar fora de sala de aula as mesmas atitudes que tenho dentro.

Rios (2006, p. 26) diz que: “O fazer aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do relacionamento com a realidade”.

Independente da disciplina que o professor leccione, ele transmite para seus alunos uma filosofia viva, no sentido de passar sua visão de mundo. Ele educa mais pelo que é, pelos princípios que norteiam sua conduta e pelo exemplo, isso fica entranhado nos estudantes muito mais que os conteúdos.

Nesse sentido, Freire (1996, p. 96) diz:

Não posso me posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma de minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareci ser e o que realmente estou sendo.

A atividade docente é uma rede de interações, em que o professor evidencia conhecimentos, valores, símbolos, sentimentos e atitudes, contribuindo para a formação de pessoas capazes de desenvolver suas habilidades intelectuais, morais, físicas e sociais.

De acordo com Menegat (2006, p. 40):

O semblante satisfeito do professor será um estímulo constante na preparação do aluno para o estudo e, conseqüentemente, para o trabalho. A alegria do professor estimula e contagia o aluno na busca continuada do saber e da felicidade.

A mesma questão matemática, explicada a todos os alunos de uma mesma turma, certamente terá diferente repercussão em cada um, isso se deve às reações afetivas que o professor desencadeia.

O professor B refere-se a esse aspecto dizendo: “às vezes parece que estou falando grego com os meus alunos, daí eu mudo o meu vocabulário, mudo a maneira de apresentar”. Ele complementa dizendo:

Vejo que a boa comunicação proporciona um maior entrosamento e eu aprendo junto com eles, até novas maneiras, ou seja, melhora a forma de dar aula. Acho que aprendo com os meus alunos todos os dias, e como aprendo, por isso que acho bom ser professora, não é sempre a mesma aula, a mesma coisa, sempre tem coisa nova.

Neste sentido, Hillebrand (1996, p. 42) diz:

Com freqüência o aluno não entende a linguagem do professor e, em conseqüência, erra uma questão ou simplesmente não a responde. Daí a importância do diálogo entre professor e aluno, que permitirá sanar qualquer mal-entendido, além de possibilitar ao professor a percepção do grau de compreensão do aluno.

O professor C acredita que:

Como professor, é preciso conquistar um espaço, e esse espaço acredito que não pode ser usado contra ti, tem que ser a favor, mas muita gente acaba jogando contra, o que acho que não é o meu caso. Mas tenho alguns colegas que jogam contra e isso prejudica a aprendizagem; o aluno não gosta do professor e então não gosta da matéria.

Já o professor E demonstra que existem diferentes situações em sala de aula

eu tento de tudo para me aproximar dos meus alunos, mas cada caso é um caso, o que serve para um talvez não sirva para outro. Tenho consciência que não consigo atingir todos, e tenho certeza que esses acabam mais prejudicados em relação àqueles que têm mais abertura e mais afinidade. Eu tento com todos, mas muitos não querem tal aproximação.

Durante a entrevista, esse mesmo professor relatou uma experiência negativa que o motivou a ser professor de Matemática.

Eu fui ser professora de Matemática porque o meu professor do terceiro ano do Segundo Grau disse que eu não sabia nada, reprovei naquele ano, fiquei muito indignada com aquilo. A minha mãe contratou uma professora que constatou que ele me rodou, porque pela prova eu tinha passado, naquele dia eu saí de lá e disse para ele: “Eu vou ser sua colega”. Nunca mais olhei para cara daquele Padre, eu tinha vontade de matar, e a minha irmã adorava ele. Um dia o encontrei na praia; eu e a minha irmã estávamos caminhando e ele passou, a minha irmã foi abraçá-lo, achou maravilhoso encontrá-lo, e eu não podia olhar a cara dele. Mas foi então que ele me chamou e eu disse: “Sou sua colega, já estou trabalhando no Estado, sou professora de Matemática. Eu não lhe disse que gostava e que eu sei Matemática?”. Ele ficou com uma cara completamente sem graça. Essa experiência negativa em relação ao meu professor determinou a minha escolha profissional, portanto acredito que nem posso considerá-la como negativa, pois me sinto muito feliz com a minha profissão. Uso essa experiência como exemplo de como não devo agir com os meus alunos.

O professor que está em sala de aula hoje foi o aluno de alguns anos atrás, este, por sua vez, não esquece de seu professor, de sua escola e o que isso representava em sua vida, provavelmente essa experiência passada reflete em sua atuação profissional, como é o caso do professor E.

As pessoas que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem devem ter cuidado para não abusar do poder, mesmo aqueles pequenos abusos como “palavras ofensivas, ingerência indevida no trabalho pessoal, perguntas indiscretas, julgamento global sobre uma pessoa ou sua família, prognóstico de reprovação, punições coletivas” (PERRENOUD, 1999, p. 151).

O professor F reforça essa idéia dizendo: “Não vou dizer que sou uma heroína, eu também posso criar alguma situação que deixe o nosso relacionamento

mais complicado, porém quando existe um vínculo afetivo, tudo fica bem melhor, bem mais ameno”.

Para Becker (2005, p. 84):

Tanto a relação pedagógica quanto a afetiva está impregnada da compreensão do outro. O professor deve ser capaz de ter senso de humor, não ter medo de sorrir. Essa atitude permite uma aproximação com os alunos e desperta admiração e vontade de aprender.

Conhecer as interações afetivas entre professores e alunos é fundamental para responder as inúmeras questões existentes no universo escolar. Todos os entrevistados manifestavam a importância desse aspecto, o professor F: *“tenho bem claro que eu não tenho que me igualar a eles, e faço questão de deixar isso bem claro para eles também. Ajo de forma que eles não esqueçam que eu sou a Professora, mesmo com toda essa abertura”.*

Como diz Restrepo (1994, p. 18): “O que nos caracteriza e diferencia da inteligência artificial é a capacidade de emocionar-nos, de reconstruir o mundo e o conhecimento a partir dos laços afetivos que nos impactam”. O nosso pensamento se caracteriza por um componente afetivo presente em todas as manifestações da convivência interpessoal, isso nenhuma máquina jamais alcançará, ela pode reproduzir determinadas funções e atividades humanas, mas não é capaz de sentir o que os seres humanos sentem.

Menegat (2006, p. 3) afirma que:

O professor é ainda a grande referência, e, talvez, a única, para alguns alunos, pois em suas famílias não encontram a receptividade que mereceriam para o desenvolvimento integral de sua personalidade. O professor que se dedica plenamente a sua profissão é quase sempre, um exemplo a ser seguido e, por isso, o trabalho realizado com metodologia adequada e com total dedicação será bem aceito pelo aluno e pelos participantes do contexto escolar.

O professor C pensa que os alunos precisam de um referencial em casa, pois, maioria não o tem, e isso reflete no tratamento que eles têm com o professor.

Acho que a maior dificuldade é o respeito. Esse deve ser conquistado com os alunos, eles vêm muito agressivos, muito respostas, até mesmo pelo fato da vida que eles levam em casa, eles são assim com os pais deles. Acho que muitas vezes eles não têm culpa.

Marchand (1985, p. 80) reforça essa idéia dizendo que: “A verdadeira camaradagem não pode existir se não estiver acompanhada, no aluno, de certo respeito”.

O professor F concorda dizendo: “às vezes um aluno que tem dificuldade; na conversa com o pai, quando é orientado em casa, acabamos nos relacionando melhor e conseqüentemente o rendimento aumenta. Não tenho dúvidas disso”. Hillebrand (1996, p. 32) reforça dizendo: “O desenvolvimento humano e o desempenho escolar parecem não depender só da escola e dos professores, mas também do relacionamento entre pais e filhos, pais e escola, pais e professores”.

Tanto os alunos como os professores chegam à escola com um conteúdo prévio e diferente entre si, pois cada um tem sua individualidade, uma maneira singular de pensar e sentir sobre situações que ocorrem em sala de aula. Nesse aspecto a história familiar, a convivência social e o acesso à cultura vigente são determinantes, pois esses ambientes propiciam a complexa formação pessoal.

Os seis professores demonstraram abertura em relação aos diferentes assuntos que surgem em sala de aula, pois acreditam que isso é positivo à formação dos laços sociais, como diz o professor F:

os alunos gostam de conversar comigo sobre os mais variados assuntos, eu deixo, também gosto, porém fico sempre atenta para que esses momentos não fujam ao meu controle, quando sinto que o assunto está tomando outro rumo, dou uma driblada e retorno ao conteúdo da aula.

Esse mesmo professor sente que seus alunos descontraem, encarando a aula com mais naturalidade, esses momentos favorecem a criação de laços de amizade, e de abertura frente à Matemática. “O professor que faz vínculo com o aluno, conta história, brinca, mostra-se companheiro é reconhecido e admirado” (BECKER, 2005, p. 82).

O ensinar está diretamente ligado ao aprender, o professor ao mesmo tempo em que é mestre é também aprendiz, sendo fundamental estar preparado para ouvir o que seus alunos têm a dizer, porém sempre atento para fazer as devidas intervenções, quando necessárias, colocando limites e definindo responsabilidades. Barcelos (2006, p. 590) lembra que:

A origem antropológica do Homo Sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como uma atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor.

É preciso lembrar que os alunos são pessoas com características, metas e expectativas construídas além do espaço escolar. Cada um é diferente do outro, com posicionamentos, ideais, convívio familiar, enfim, histórias de vida distintas. Isso interfere na disponibilidade e aceitação de um bom relacionamento com o professor. Como lembra o professor F: *“nós, seres humanos, em geral, não gostamos de todo mundo, mas acredito que, se eu conseguir driblar essa impressão ruim que fica no início, as coisas fluem melhor”*. Nesse sentido é que Rangel (2005, p. 46), enfatiza que “é importante que neste momento inicial do processo de dar-se a conhecer, que o professor tome a iniciativa e supere os primeiros entraves para que o processo de mediação se efetive”.

O vínculo construído entre professor e aluno é determinante para o bom desenvolvimento das propostas escolares, afinal o processo de ensino e aprendizagem é um emaranhado de relações, nas quais todos os envolvidos vinculam-se, ajudando-se mutuamente na análise e compreensão do conhecimento, isto de forma direta ou indireta. O professor F reforça essa idéia dizendo:

Considero meu trabalho muito importante; como eu trabalho só com as quintas, sinto que estou formando a base para todo o desenvolvimento dessas pessoas que estão deixando de ser crianças para tornarem-se adolescentes; sinto-me com uma extrema responsabilidade. Acho que o meu trabalho é importante não somente para mim, mas para todos que estão envolvidos, ou seja, alunos, escola e, conseqüentemente a sociedade.

Como diz Scheffer (2003, p. 43):

a escola é um dos grupos sociais que maior influência exerce sobre a vida da criança, pois é responsável por grandes transformações nas suas condições de existência, sendo assim, é grande a responsabilidade da escola e dos professores, pois o desenvolvimento da inteligência está estritamente ligado ao desenvolvimento da personalidade.

O processo de ensino e aprendizagem é dinâmico, dialógico e interativo.

Cabe lembrar que o relacionamento interpessoal é inclusivo e não o contrário, sendo fundamental o desenvolvimento da empatia, como enfatiza Rangel (2005, p. 41),

que irá facilitar a aproximação para que as pessoas se conheçam, e posteriormente invistam em uma relação que vise ao equilíbrio, através do comprometimento dos envolvidos, que surgiu com a confiança que o ato de conhecer propicia.

O rosto e a fala do professor podem confirmar a dominação, ou refletir possibilidades de realização. Se os estudantes vêem e ouvem o desprezo, o tédio, a impaciência do professor, aprendem, uma vez mais, que são pessoas que inspiram desgosto e enfado. Se percebem o entusiasmo do professor quando este lida com seus próprios momentos de vida, podem descobrir um interesse subjetivo na aprendizagem crítica (FREIRE; SHOR, 1987, p. 35).

Muitas vezes os professores não ficam atentos às suas atitudes em sala de aula, e reforçam sentimentos de inferioridade nos alunos, ainda que de forma inconsciente. Esses sentimentos de inferioridade podem ser intensificados por atitudes de autoritarismo (HILLEBRAND, 1996, p. 30).

As falas de três autores diferentes mostram que o posicionamento do professor é fundamental no desenvolvimento das aulas e na criação de um ambiente propício ao processo de ensino e aprendizagem.

6.2 OS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM, DO CONTEÚDO MATEMÁTICO, NA PERSPECTIVA DOCENTE

Quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado.

(FREIRE, 1996)

Qualquer observação mais aprofundada do contexto escolar leva à conclusão de que o dia-a-dia da sala de aula não pode mais se sustentar pela simples transmissão do saber baseada em imposições e castigos.

A escola de hoje é um espaço de conhecimento compartilhado, que, como diz Neira: (2004, p. 85) “por suas formas e por seus sistemas de organização, introduz nos alunos as idéias, os conhecimentos, as concepções, as disposições e os modos de conduta que a sociedade adulta requer”.

Antigamente exigia-se que o professor soubesse explicar bem os conteúdos, com bons exercícios de fixação, além de serem exigentes em relação à disciplina dos alunos e de avaliarem o conhecimento acumulado no decorrer de cada período das aulas dadas, sem contar que deveriam ser referência em termos de respeito, honradez, assiduidade e dedicação ao trabalho. Em termos gerais, ressalta Neira (2004, p. 47): “Esperava-se que os professores dominassem habilidades de exposição da matéria, domínio da classe e liderança”. Sabe-se que, na prática atual, isso é bem difícil, porém ainda muito necessário. Os professores sabem e querem isso, porém se faz necessária uma reorganização dessas características.

Todos os professores entrevistados relatam não fazer uso de muitas metodologias diferenciadas no cotidiano escolar, restringindo-se apenas ao uso do quadro, do giz e talvez ao uso do livro didático. O professor A lamenta dizendo:

Infelizmente as minhas aulas são basicamente o livro, que uso para suporte, nunca o seguí direto, até porque não tem nenhum livro que consiga me encaixar de fora a fora, que sejam bons de trabalhar, então eu uso o livro como suporte para fazer um exercício, alguma coisa a mais, mas nada específico. Lamentavelmente uso muito o quadro. Eu já trouxe jogos, mas os jogos os alunos consideram que é só brincadeira.

Nesse sentido o livro acaba sendo apenas uma fonte de exercícios e não uma fonte de informações. O professor C vê outro sentido no uso do livro, esse é usado no caso dos alunos que estão em outro ritmo em relação ao restante da turma, para aqueles alunos que já fizeram as atividades propostas. Ele diz que *“tem que ser um livro bom, uma bibliografia adequada para pegar aquele aluno e escolher rapidamente uma tarefa para ele”*.

O professor B valoriza o conhecimento que seus alunos já têm, pois a aprendizagem não é algo mecânico, repetitivo e memorístico, é uma construção de novos significados, ou melhor, uma reinterpretação daquilo que já conhecem, porém mais enriquecido com idéias novas. Nesse sentido Saviani (1998, p. 40) afirma: “O ensino deve contemplar, principalmente, a expressão, a experiência, a vivência do aluno, utilizando seu capital cultural e seu interesse como base do conhecimento”. Perrenoud (2000, p. 28) reforça esse pensamento quando diz:

A escola não constrói a partir do zero, nem o aprendiz não é um tabula rasa, uma mente vazia; ele sabe, ao contrário, “muitas coisas”, questionou-se e assimilou ou elaborou respostas que o satisfazem provisoriamente. Por causa disso, muitas vezes, o ensino choca-se de frente com as concepções dos aprendizes.

Mas, assim como o professor A, o professor B também usa bastante o quadro negro, pois diz ter tido uma experiência negativa ao trabalhar com outras metodologias. Porém esse professor demonstra, ao longo de seu relato, acreditar no resultado de alternativas de ensino, como é o caso do jogo.

Os jogos influenciam muito a prática, acredito que isso se dá pelo fato de envolver prazer no que está sendo feito. Eles fazem uma coisa que eles mesmo vão confeccionar, pintar, tem mais arte, não fica só naquela coisa de conta e conta.

O professor D demonstra o mesmo em relação aos recursos metodológicos, quando diz *“minhas aulas são basicamente o quadro e o giz, sinto que tenho que usar, não consigo fugir muito disso”*. Justifica-se dizendo:

Eu tive algumas experiências de introduzir um conteúdo com algum recurso metodológico diferenciado, porém nessas ocasiões eu percebi que a minha proposta acabou dificultando ainda mais a compreensão dos meus alunos, o que era para facilitar acabou confundindo ainda mais a cabecinha deles.

O mesmo professor acredita que mesmo suas aulas sendo basicamente o quadro e o giz elas têm muito valor e seus alunos aprendem.

Não encho o quadro com milhões de informações, coloco apenas a definição, de forma bem resumida, o resumo do resumo do conteúdo, porque sei que poucos são os alunos que relêem o que foi escrito no seu caderno. Penso que, pelo menos no copiar do quadro, eles se obrigam a ler, nem que seja uma única vez, porque, se eu peço para lerem a definição do livro, sei que eles, muitas vezes, ou não lêem ou, até mesmo não compreendem.

O professor E alega que suas “aulas são basicamente exercícios, muitos exercícios. Ainda sou daquele tempo que é importante fazer exercícios para aprender Matemática”. Porém justifica que não varia muito a sua metodologia porque não dispõem de uma variedade de recursos.

De acordo com Mazzei (2004, p. 33):

O ensino da Matemática está voltado para a “transmissão” das noções matemáticas para os alunos. Nessa opção, o aluno aparece como sujeito passivo do processo. O professor assume o papel de protagonista e, na grande maioria das vezes, se apóia em recursos “fechados”, como o livro didático, para facilitar a transmissão dos conhecimentos. Nessa proposta o uso rigoroso de um método único, com provas nas quais o aluno seja capaz de repetir aquilo que lhe foi ensinado são freqüentes.

O ato de ensinar não pode ser limitado a uma mera exposição de conteúdos, o professor deve propor desafios, estimulando e ajudando seus alunos na busca de resultados que visem à construção de conhecimentos. Jogos e atividades relacionadas ao cotidiano dos alunos favorecem a participação e o interesse para uma aprendizagem mais significativa, “é necessário um ambiente escolar onde haja compreensão, valorização participativa dos alunos, para que possam produzir os

próprios conceitos, baseados na sua vida” (BECKER, 2005, p. 79) e Neira (2004, p. 83) reforça essa idéia dizendo:

Qualquer análise mais sistemática da sala de aula nos levará à conclusão de que o cotidiano da relação pedagógica não pode mais se sustentar pelos antigos pressupostos da transmissão unidirecional do saber mediante imposições e castigos. Uma vez que a escola atual recebe outro público e acumula outra função, suas tarefas deverão conduzir-se por novas diretrizes.

Muitos alunos encontram dificuldade na Matemática, em função do ensino ser desvinculado da realidade, com exercícios mecânicos sem sentido e memorização de conteúdos externos aos interesses dos principais envolvidos. A aula é um lugar em que as questões do cotidiano podem ser refletidas, discutidas, estudadas, pesquisadas, debatidas, enfim é um lugar de ação e interação, um lugar que permite a percepção da própria evolução, transformação, bem como o dinamismo, a força do homem e da sociedade em seu constante movimento.

Hillebrand (1996, p. 29) considera que “atitudes humanas de compreensão e confiança, por parte do professor em relação a seus alunos, têm conseqüências benéficas no rendimento escolar”. Isso porque as expressões e a postura dos professores, que são pessoas importantes para os estudantes, podem trazer conseqüências desastrosas ou maravilhosas para a vida escolar das crianças e adolescentes.

O mesmo autor ressalta essa idéia dizendo:

O tratamento frio e distante, do professor em relação aos alunos, deixa-os, sobretudo os mais jovens, abandonados à sua própria sorte, às suas próprias forças, que por vezes são poucas, devido à baixa auto-estima, vindo a estabelecer um círculo vicioso de fracassos, sentimentos de desvalia e baixa auto-estima (HILLEBRAND, 1996, p. 29).

A ação do professor muda completamente quando sua preocupação deixa de ser o ensino e passa a ser o aprender. Assim o professor percebe seu aluno, acompanhando seu crescimento e desenvolvimento, observando-o como um todo, percebendo suas habilidades, atitudes e valores.

Antigamente o professor era o detentor do conhecimento, assim o aluno ficava quieto, passivo. Hoje o foco está no educando, de maneira que é mais importante o ato de aprender do que a ação de ensinar. Nesse sentido, o educador passa a orientar seu aluno na busca de conhecimentos e informações.

Na sala de aula há muita diferença, isso é um ponto a ser pensado, nós temos que respeitar o ritmo de cada um, e fazer com que eles também se aceitem, porque cada um tem suas limitações [...]. Eu consigo perceber e identificar os diferentes ritmos. Dou uma atenção maior, mais especial para aqueles mais lentos; paro um pouquinho, faço a turma esperar, para que esse que está com dificuldade chegue até onde os outros colegas estão (PROFESSOR B).

O professor C pensa da mesma forma, pois sabe que “cada um tem uma velocidade para aprender” e “o professor é obrigado a respeitar isso. O ideal seria ter trabalhos à parte para aqueles alunos que são mais adiantados e, até mesmo, para aqueles mais lentos”, mas lamenta-se dizendo que não faz isso. Esse mesmo professor diz que:

Quando uma parte da turma entendeu e a outra não, lanço outro exemplo, só que provo, dou alguns segundos para que eles tentem fazer, dêem uma refletida, e me digam alguma coisa. Sempre tem um que fala alguma coisa, começo a fazer sempre dando margem para aqueles que já entenderam realizar a tarefa, fazendo o exemplo antes de mim. Com os outros vou explicando, procuro envolver a todos, pois quando isso não ocorre aqueles que não estão envolvidos começam a conversar. Tento estimular eles para fazer o exercício junto comigo ou até mesmo antes, para que eu possa pegar as dificuldades. Não vou a favor daqueles que não entenderam assim como não vou a favor daqueles que já entenderam por completo e já estão prontos para fazer os exercícios.

Professor F acrescenta essa idéia dizendo:

Cansei de ouvir que nós, professores, precisamos dar o tempo de todos, mas são trinta alunos, isso é impossível de ser feito, cada pessoa é diferente da outra, com ritmos e habilidades distintas. Não posso esquecer que tem aqueles alunos que já estão lá adiante e que eu os estou travando em função de outros. Tento sempre encontrar um meio termo para solucionar essas situações.

A escola não deve ser um lugar onde se despejam conteúdos, mas um espaço que prioriza a aprendizagem dos alunos, para isso é necessária a valorização da curiosidade, pois, como já diz a frase popular: “A curiosidade é a mãe da sabedoria”, é ela que motiva e desafia qualquer um a aprender.

Nesse sentido, o professor A diz:

Gosto que me questionem, por exemplo: por que não existe a potência zero. Não gosto que acreditem e aceite tudo o que eu digo. Digo que não é aula de cópia. Nunca consegui, nem quero que as minhas aulas sejam silenciosas, não é porque tem um conversando que vou parar toda a aula.

Rubem Alves (2003, p. 46), no livro “Fomos Maus Alunos”, destaca que “a escola só pode ser uma casa de gestão de curiosidade. Do contrário, ela não é funcional. Ou a paixão é o motor da escola, ou ela serve para pouco”.

Enfim o professor deve estar consciente de seu papel como estimulador da criatividade de seus alunos, abrindo infinitas possibilidades em favor do processo de ensino e aprendizagem.

6.3 OS COMPORTAMENTOS DE PROFESSOR DIANTE DOS CONFLITOS E DESAFIOS EM SALA DE AULA

Cada professor tem uma maneira peculiar de ser e de agir perante seus alunos. Cada um tem sua visão sobre o ensinar, o aprender e segue uma metodologia particular. A sua história pessoal, sua formação, enfim o desenvolvimento de sua identidade influi na maneira como cada pessoa age diante de um conflito.

De acordo com Mazzei (2004, p. 14): “O método seguido pelo professor reflete, e muito, os seus objetivos. De acordo com o método que ele emprega, podemos ter uma idéia bastante precisa de onde ele quer chegar, o que espera de seus alunos”.

Freqüentemente aparece algum discurso sobre paz e harmonia, como se o conflito não fizesse parte da vida, porém isso não quer dizer que se deve estimular o conflito, mas sim considerá-lo como um componente da ação educativa e utilizá-lo de maneira mais construtiva.

O Professor F acredita que a conversa é o melhor caminho para resolver os conflitos em sala de aula, “às vezes é bom o professor parar e conversar quando está perdendo o punho”. O mesmo alega o Professor A “se eu vejo que a turma está extrapolando demais eu paro a aula e falo com o coração. Falo o que sinto”. Freire (1996, p. 97) diz que: “quanto mais solidariedade exista entre educador e educandos no ‘trato’ desse espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola”.

O diálogo permanente entre professor e aluno faz haver uma freqüente reflexão sobre a atitude de cada um, sendo assim os alunos formam suas próprias idéias, e não apenas as aceitam como um modelo que foi imposto, mas sim como parte de um constante processo de recriação.

O Professor A sente-se contrariado por seus colegas só darem ênfase ao conteúdo matemático, acredita que, quando tem abertura com seus alunos, estes conseguem se focar mais nas suas aulas.

Muitas vezes estou em sala de aula e eles falam uma coisa nada a ver com o a Matemática, paro e comento aquilo que estavam falando. Eu me meto nos assuntos, eles dão risada, e depois dou aquela puxada, agora vamos voltar aqui para a Matemática, assim acho que eles focam mais. Às vezes eles estão a fim de falar de outro assunto, são adolescentes, não dá para querer que eles fiquem voltados para apenas uma coisa.

Na maioria das vezes, os conflitos na sala de aula são provocados pela falta de diálogo entre professor e aluno, onde há diálogo há um clima mais harmonioso e saudável. O docente tem o papel de desenvolver um clima amigável e descontraído na aula.

Notar o que o aluno sente sem que ele o diga é a chamada empatia, essa é considerável ao se tratar de adolescentes e crianças, pois eles dificilmente dizem com palavras o que sentem, no entanto revelam seus sentimentos pelo tom de voz, expressão facial e outras atitudes não-verbais.

No momento em que o professor valoriza as emoções de seu aluno, expandem-se as oportunidades de aumentar a intimidade e o compartilhar de experiências e dificuldades. O aluno sente-se valorizado, portanto fortalece sua auto-estima, oportunizando a descoberta de novas estratégias para lidar com os conflitos, diminuindo a agressividade perante suas relações, o que torna a convivência mais confortável, uma vez que percebe que os sentimentos, mesmo os negativos, são parte da vida. O aluno deixa de lado a censura e o julgamento, e encara o valor de suas decisões frente a suas emoções.

O Professor D concorda com essa idéia quando diz:

Eu tenho bastante abertura com os meus alunos, não sou limitada a falar unicamente sobre a Matemática, acredito que esses momentos criam um elo entre nós, facilitando o desenvolvimento das aulas, fazendo com eles se foquem ainda mais, pois eles têm momentos em que podem conversar, assim não ficam conversando o tempo todo.

Os professores precisam ter capacidade para manejar as suas turmas, sem isso de nada adianta as suas outras capacidades, pois estas se neutralizam se o professor não for capaz de obter silêncio para que o ouçam. Não existe padrão de postura que garanta total atenção em todas as tarefas sugeridas.

Segundo o Professor A, não é gritando que se consegue a atenção dos estudantes, *“a única coisa que faço é dizer para eles que estou explicando o conteúdo, se eles continuam conversando procuro manter o mesmo tom, e continuo explicando”*.

O Professor F acredita no poder do respeito, *“eu falava muito alto, berrava, mas percebi que eles vão criando respeito pelo professor, não é o respeito pelo medo, é bom ter respeito pelo que tu podes oferecer para eles”*. Conforme Tardeli (2003, p. 49), *“o respeito toma seu significado mais amplo quando se realiza como respeito mútuo, expresso nas relações de cooperação e de diálogo”*.

No decorrer da entrevista constatee certa contradição quando o professor F diz:

No primeiro momento com o aluno, quando nunca trabalhou comigo, aparece uma certa dificuldade de respeito, tento botar na linha, não dou ênfase ao senhor, mas também não deixo me chamarem de tu. Mostro a nossa hierarquia professor-aluno, que dentro da sala de aula tem uma

hierarquia, tem uma posição. Falo sobre a idéia da direção, que a escola é como uma escada onde um segue o outro, e a parte mais fraca da corda na escola é o aluno, eles devem respeito a todos e até mesmo a eles mesmos, é difícil fazer com que entendam essa relação de respeitar o próximo. Isso tudo influencia na aprendizagem

O professor A considera que *“trabalhar com as diferenças dentro da sala de aula é muito frustrante”*, pelo fato de dar aulas em períodos reduzidos, ou seja, apenas 45 minutos. Ele diz que ainda não descobriu a fórmula adequada, mas o que ajuda muito é o laboratório, onde o conteúdo é trabalho com grupos pequenos e no turno inverso ao diário. Ele acredita que *“esse laboratório faz com que eu tenha um relacionamento diferente, porque dá tempo de conversar, de saber o que aconteceu, dá tempo de se aproximar mais”*.

Lamentavelmente são poucas as escolas que dispõem desse recurso *“não é que as escolas não queiram, mas é que o Estado não disponibiliza professores para esse tipo de coisa, é muito raro”*.

Muitos dos conflitos gerados em sala de aula podem ser pela falta de êxito do aluno, pela severidade do professor, por motivos pessoais relacionados com a família, até mesmo por problemas afetivos, mas podem, simplesmente, ser uma forma que os alunos têm de chamar atenção.

Os professores, de uma maneira geral, devem colocar objetivos pedagógicos para enfrentar o conflito, começando por observar os alunos e investigar as causas mais freqüentes dos desentendimentos. Devem criar situações que propiciem discussões com o grupo, a fim de identificar as causas da falta de tolerância, permitindo que todos vivam em paz no seu ambiente escolar. Vale lembrar que muitos dos conflitos gerados em sala de aula são frutos dos impulsos dos jovens em direção ao prazer imediato, cabe ao educador proporcionar limites e vivências afetivas, pois são essas experiências que estruturam as relações que terão com a sociedade de um modo geral.

Como diz Hillebrand (1996, p. 31):

Em geral os professores elogiam mais os inteligentes, os bem-sucedidos e os bem ajustados ao sistema escolar, censurando mais os menos privilegiados, quando estes são os mais necessitados de atenção e calor humano.

6.4 A RELAÇÃO ENTRE O APRENDER E O ENSINAR NO APROVEITAMENTO ESCOLAR DOS ESTUDANTES

É importante ressaltar as idéias de Rubem Alves (2005, p. 72) do livro Educação dos sentidos: “O que foi realmente aprendido é aquilo que sobreviveu à ação purificadora do esquecimento. O aprendido é aquilo que fica depois que o esquecimento faz o seu trabalho”.

Essa idéia retrata em profundidade a dinâmica da aprendizagem, quando salienta os aspectos da singularidade e o modo como cada pessoa constrói o conhecimento e o internaliza em suas ações.

Não basta que alguém ensine para que o outro aprenda, pois pode haver aprendizagem sem ensino, assim como ensino sem aprendizagem. Se todo o ensino representasse aprendizagem, todos os educandos saberiam tudo, no entanto percebe-se que os professores tentam ensinar, mas muitos alunos nem sempre aprendem.

Parece que isso ocorre em função do grande número de informações que é desnecessária, considerando o cotidiano e as questões sociais e culturais, que imprimem uma forma de comportamento na criança e no adolescente, uma vez que há uma diferença significativa entre o que o sistema educativo propõe e o que a sociedade efetivamente mostra, salienta como perspectivas e metas de crescimento pessoal. Talvez, por essa razão o que é armazenado, na memória em relação aos conteúdos escolares, nem sempre é aprendido pelos estudantes.

O professor F confirma essa idéia com a seguinte fala: *“tem alunos que, por mais que eu tente, não consigo atingir”*, diz que dá bastante atenção, leva para conversar, mas que em determinados casos não adianta, que o problema é *“mais grave e requer outros tipos de cuidados e atenção”*.

A falta de referenciais familiares, por parte daqueles que deveriam ser cuidadores e dar atendimento aos jovens, muda o papel do professor, já que sua atuação é de educador, alguém que estabelece limites e parâmetros de relacionamento. Pode-se observar nas escolas e salas de aula que nem sempre a tarefa de ensinar torna-se possível frente à realidade que os estudantes nos apresentam.

O objetivo central da Educação deve ser a aprendizagem, portanto o que importa, é aquilo que os alunos aprendem não o que o professor pretende ensinar. Nesse sentido, o bom professor não é o que ensina muitas coisas, mas sim o que faz seu aluno aprender o que ele ensina. O professor F demonstra que ainda se exige muito em relação a isso quando diz:

Às vezes acho que não estou atingindo determinado aluno, pois espero um retorno, uma resposta. Mas, então, paro para pensar, e sinto que talvez eu até esteja atingindo, mas não da maneira que eu idealizei, que eu acredito que ele precisaria.

De nada adianta ensinar se os alunos não conseguem organizar suas idéias e não são sujeitos ativos da sua aprendizagem. Assim, acredito que não tem sentido a existência de professores que somente reproduzam o conhecimento e a cultura que outros desenvolveram, é preciso ensinar a aprender, para que aja o aprender a aprender.

Segundo Perrenoud (2000, p. 26):

Conhecer os conteúdos a serem ensinados é a menor das coisas, quando se pretende instruir alguém. Porém, a verdadeira competência pedagógica não está aí; ela consiste, de um lado, em relacionar os conteúdos a objetivos e, de outro, a situações de aprendizagem.

Ensinar e aprender são duas coisas distintas, no entanto caminham juntas, o educador tem um papel muito mais considerável que simplesmente transmitir conhecimento, ele abre caminhos para que seu aluno possa fazer uso dele. Atualmente as atitudes, os valores e a postura relacional e dialógica do professor são tão importantes quanto os conteúdos de um saber específico.

O professor F demonstra agir dessa maneira quando relata que:

Eu cobro muito a participação deles, considero uma aula expositivo-dialogada, onde eles têm que questionar e responder inúmeras questões, não sou a única a falar. Provoco diferentes situações que façam com que eles desenvolvam suas próprias conclusões, construindo o seu próprio conhecimento.

A sala de aula é um ambiente especial para o cultivo de novos sentidos e criação de muitos significados à vida. A primeira preocupação do professor deve ser o que ele precisa saber para ensinar, o porquê e como deve ensinar. Só é possível ensinar aquilo que foi aprendido, esse é um dos motivos das dificuldades em relação à docência. Pode-se ver que a ignorância em relação a tantos assuntos é tratada com naturalidade pelos docentes e pelos alunos, isso é preocupante, pois mostra o descaso no trabalho que deveria ser conjunto e ter como princípio o crescimento, a abertura para o novo tanto por parte daquele que ensina quanto daquele que aprende. Todos deveriam mostrar-se abertos para aprender, pois do contrário, o foco fica limitado e o avanço lento, quase inexistente. Como aponta Hillebrand (1996, p. 35):

Se o professor, no relacionamento com seus alunos, enfatizar, seguidamente, que nem pais nem professores são donos da verdade e nem podem ter resposta para tudo a qualquer momento, criar-se-á um clima favorável à construção conjunta do conhecimento.

Ensinar não é apenas falar, mas comunicar-se com competência. É falar sobre alguma coisa, visando à compreensão de quem está ouvindo. Os conteúdos escolares só terão sentido se estiverem a favor do desenvolvimento dos alunos, operando num processo de significação.

Como diz Leone (2002, p. 25):

Aprender implica um desejo, um projeto, uma perspectiva, uma auto-regulação em diferentes níveis, não é apenas compreender. A escola tem uma participação importante nesses processos. Pode atuar de forma facilitadora, fomentando a motivação, como também pode vivenciar seu papel de forma contrária, contribuindo para a formação de problemas de aprendizagem reativos, causando muitos transtornos na vida das crianças.

Reconhecer uma competência ou habilidade estimula e motiva as pessoas a continuar aprendendo. Ensinar é movimentar e estimular o desejo de aprender. Leone (2002, p. 20) lembra que: “Sabemos que o prazer da descoberta, da busca de respostas para seus questionamentos, as tentativas de

comprovação de suas hipóteses e a construção de saberes fazem parte da própria dinâmica da vida”.

Aprender não é acumular conteúdos, aprende-se apenas o que é significativo para a pessoa, por isso aprendemos a vida toda, não existe um tempo próprio e limitado. Vivemos na era da informação, da globalização e da internacionalização do conhecimento. Sabe-se que a grande maioria da população recebe em alta velocidade o que é pensado e produzido nas ciências. Do mesmo modo assiste a que, assim como novos experimentos são produzidos, tendem a envelhecer, portanto não adianta acumular informações. É preciso saber pensar, pensar a realidade.

Talvez um dos pontos mais importantes da função da Educação seja transformar a maneira de tratar os conteúdos, das diversas matérias de ensino, considerando a realidade e acompanhando o processo de mudança, cada vez mais veloz em nossa sociedade.

A aula é um espaço de contínua comunicação, na qual o conhecimento vai sendo construído por meio de um equilíbrio entre o individual e o coletivo. Para que isso ocorra, o professor tem que assumir uma postura de motivador e incentivador. É fundamental que o professor sensibilize o aluno e sinta-se motivado diante do processo de ensino e aprendizagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho constatei que a educação atual está baseada em princípios que deixam de lado os fatores emocionais, sendo estes uns dos maiores responsáveis pelo sucesso ou insucesso na aprendizagem escolar, pois a todas as situações que vivenciamos estão envolvidas por relações humanas.

Não só a razão delibera nossos atos, mas a emoção, o afeto tem papel fundamental e exerce grande poder sobre as pessoas. Mas, para que esse poder seja canalizado positivamente, é necessário que haja confiança, autonomia, ou seja, que o professor tenha um conhecimento de si mesmo, de seus pontos fracos e fortes, crença em si mesmo e no outro.

Além disso, é preciso saber lidar com esses sentimentos. Aquele que sabe controlá-los se dá bem em qualquer área de trabalho, principalmente a docente, assim como qualquer ato que realiza, porque as emoções, quando a serviço de uma meta, facilitam a realização de tudo que se planeja, desenvolvem a consciência de que os problemas são contornáveis e resolvíveis.

O professor que sabe se colocar no lugar do outro, que percebe e é empático ao sentimento do outro, consegue solucionar de forma mais criativa e clara os problemas apresentados no cotidiano escolar, evitando as explosões que são prejudiciais ao bom relacionamento com seus alunos. Em linhas gerais, isso é saber trabalhar em grupo e com um grupo, o que é fundamental no mundo atual. A sala de aula que se apresenta hoje em dia não deixa de ser uma grande equipe, onde um auxilia o outro no seu crescimento.

A relação professor-aluno deve deixar de ser vertical, na qual o educador ocupa o centro de todo o processo, exercendo objetivos pré-selecionados pela escola e por ele mesmo. O professor precisa abandonar a postura de comandante de todas as ações da sala de aula e de transmissor de conteúdos, porque assim só resta ao aluno o direito de receber informações sem qualquer questionamento, apenas por meio de repetição e automatização.

Conhecer os alunos é primordial, isso é um processo que tem início desde os primeiros dias de aula. Quanto maior é esse conhecimento, maior o efeito da ação pedagógica, no sentido de mobilizar interesses, curiosidades, experiências prévias, histórias de vida articuladas com os conteúdos necessários ao currículo a ser

desenvolvido. Para que isso ocorra, é indispensável ter noção dos aspectos sociais, cognitivos e afetivos dos estudantes. Isto sugere uma permanente investigação, por meio de observações, diálogos e permanente sondagem dos interesses e das necessidades expressas por eles.

O professor precisa ser valorizado e valorizar-se, acreditando no seu trabalho e nas pessoas com as quais interage. Necessita ser respeitado, além de participar das decisões e propostas que envolvem sua função, comprometendo-se com competência e satisfação. Necessita-se atualizar-se.

As escolas deveriam focar mais atenção ao desenvolvimento das capacidades dos alunos, de suas competências e modos de relacionamento com os outros e consigo mesmos, e não dar tanta ênfase ao aspecto intelectual do estudante dos resultados de testes e provas. Não é apenas o desempenho intelectual que determina o êxito atualmente. Os educadores precisam valorizar seus alunos, dando ênfase à pessoa e não ao conteúdo, entretanto é essencial ressaltar que isso não significa desprezar a matéria a ser trabalhada, mas sim permitir que o aluno construa e reconstrua seu conhecimento conforme sua capacidade e seu ritmo.

Devemos considerar a possibilidade de não focar unicamente nos conhecimentos transmitidos, e passar a valorizar a formação humana. Devemos entender que o comportamento dos alunos é apenas uma resposta às aulas, para finalmente insistir no que dá sentido ao trabalho docente, prestando atenção à coerência de princípios entre o que se pretende, como se pretende, como se faz e como se avalia.

Hoje em dia, a sociedade exige uma nova posição da escola e do professor, com novas responsabilidades e exigências à melhoria no ensino. Está evidente que o papel do professor é determinante para o sucesso de toda alteração no sistema de ensino. Ele deve preparar seu aluno para que esteja aberto a aprender em diferentes situações de sua vida, assim como para tomar decisões no mundo que está marcado por inúmeras transformações e uma vasta gama de informações.

Cada vez mais se faz necessária a valorização do exercício contínuo de reflexão do professor sobre suas atitudes na prática docente, porém é preciso que este dê sentido ao ato reflexivo, que representa o ensinar, pois isso representa um meio para sua melhoria em termos profissionais.

Como lembra Freire (1996, p. 23)

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

É da natureza humana a necessidade da relação com o(s) outro(s) de forma acolhedora, sustentada com limites e possibilidades de expressão dos sentimentos, emoções, isso deve ecoar na educação, principalmente, quando a ação pedagógica está direcionada à atuação com crianças e adolescentes.

[...] somos, além de racionais, emocionais. O fato de assumir minha condição de ser racional não deve, nem pode, anular, obscurecer, ou secundarizar minha condição de ser emocional. Quando esta secundarização/anulação acontece, estamos virando as costas para a possibilidade de entendermos algo fundamental para o processo histórico e cultural do processo de aprendizagem: o fato de que a história da humanidade é decorrente da capacidade de emocionar-se. Nossa história é uma seqüência de desejos, de vontades, muito antes que de necessidades (BARCELOS, 2006, p. 586).

Muitas vezes, gostar de determinada disciplina é resultado de uma ligação baseada na amizade, no respeito mútuo e, conseqüentemente, no processo educativo. Porém, é importante que esse complexo processo da aprendizagem não se reduza ao simples estabelecimento de uma relação amigável entre professor e aluno, porque as metas e os objetivos que pautam as matérias de ensino não podem ser descontextualizados, perdidos nesse vínculo.

É notável que o professor atual emocione e ensine sem ser libertino, instigue e provoque o que há de mais precioso no aluno sem perder o respeito com o outro. Ou seja, é importante um conjunto no qual a criatividade e a emoção estejam em permanente movimento.

A escola contemporânea deve ser reconhecida como um ambiente que gera prazer, que permite o lúdico, o colorido, o mágico, enfim um local no qual alunos e professores tenham a possibilidade de saborear diferentes formas de conhecimento.

Para finalizar, cito uma idéia que ilustra, em parte, os dados que analisei nesta pesquisa:

Uma das maneiras mais fáceis de negar à criança o direito de exercício de construção livre de seu ser é através da orientação que se pode imprimir ao processo de aprendizagem escolar. Não seria nenhum exagero afirmar que nosso processo educativo escolar muito pouco, ou quase nada, leva em conta no que diz respeito a escuta dos desejos, vontades, silêncios, enfim, do diálogo com o imaginário da criança em processo de aprendizagem escolar (BARCELOS, 2006, p. 589).

Acredito que muito há para refletir em torno da dinâmica dos relacionamentos entre professor e alunos, em todos os níveis de ensino, principalmente nas séries finais do Ensino Fundamental, que foi objeto deste estudo. No decorrer deste trabalho, muitas dúvidas e inquietações surgiram. Ao escutar meus colegas também me observava e avaliava aspectos que deveriam ser aprofundados nas percepções que temos durante a formação acadêmica sobre o ato de ensinar e de aprender.

Vejo que somos aprendizes quando nos tornamos professores, pois isso é o que movimenta nossa vida e nossas expectativas, na busca de recursos e abordagens que incentivam e preenchem as representações dos estudantes sobre os conteúdos que lhes são ensinados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, Duido de. **O professor que não ensina**. São Paulo: Sumus, 1986.

ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

_____. **Educação dos sentidos**. Campinas, SP: Verus, 2005.

ANTUNES, Celso. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma nova escola pública de qualidade, fascículo 13. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre**: imagens e auto-imagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BARCELOS, Valdo. Por uma ecologia da aprendizagem humana – o amor como princípio epistemológico em Humberto Maturana. **Educação**: ensino e educação de professores, Porto Alegre, ano XXIX, n. 3 (60), p. 581-597, set/dez. 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: matemática. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BECKER, Edna da Silva. **As modalidades de interação professor e alunos no Ensino da Matemática**. 2005. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação de Ciências e Matemática) – Faculdade de Física, PUCRS, Porto Alegre, 2005.

CARVALHO, Gisela. **Os descaminhos da relação professor-aluno no processo de aprendizagem**: um fragmento de autocrítica em busca de uma conscientização. Santa Cruz do Sul, 2001.

CARVALHO, Rosinara Saraiva. **A agressão verbal e a aula de matemática**: uma análise em sala de aula. Porto Alegre. 2002. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade, PUCRS).

CHACÓN, Inês Maria Gomes. **Matemática emocional**: os afetos na aprendizagem matemática. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor**. São Paulo: Gente, 2003.

CORAZZA, Sandra. **O que quer um currículo?** Pesquisas pós-críticas em Educação. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.

DELORS, Jacques. **A educação para o século XXI**: questões e perspectiva. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo; SHOR, Isa. **Medo e Ousadia**. O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HAMACHEK, D. E. **Encontros com o self**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

HILLEBRAND, Vicente. **Contribuições de um grupo de estudo na atuação pedagógica de professores de Matemática**. 1996.184f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 1996.

LA ROSA, Jorge de. (Org.). **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

LEONE, Glória Magali Di. **Auto-regulação e construção das perspectivas**: um estudo sobre as questões afetivas, cognitivas e sociais da aprendizagem. 2002. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2002.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. São Paulo: Summus, 1985.

MATURANA, Humberto R. **A árvore do conhecimento**. Cambuci, SP: Palas Atenas, 2001.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MAZZEI, Luiz Davi. **Dificuldades de ensino e de aprendizagem do conhecimento matemático**: analisando a linguagem empregada por professores e alunos. 2004. 85f. Dissertação (Mestrado em Ciências e Matemática) - Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2004.

MENEGAT, Francisco. **A construção do aprendizado em matemática**: um enfoque metodológico e afetivo. 2006. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Física, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

MORAES, Roque. No ponto final a clareza do ponto de interrogação inicial: a construção do objeto de uma pesquisa qualitativa. **Educação (PUC/RS)**, Porto Alegre, v. XXV, n. 46, p. 231-248, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2005.

MOSQUERA, Juan. **O professor como pessoa**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

NEIRA, Marcos Garcia. **Por dentro da sala de aula**: conversando sobre a prática. São Paulo: Phorte, 2004.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLANETA: **Conheça o mundo, descubra você**. São Paulo: Três Editorial, edição 400, ano 33.

RANGEL, Luiz Flavio. **O equilíbrio dinâmico entre o racional e o emocional**: movimentos de formação de um bom professor. 2006. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Faculdade de Física, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura**. [Santa Fé de Bogotá, Colômbia, 1994](#).

RIOS, Terezinha Azeredo. **Ética e competência**. São Paulo: Cortez, 2001.

SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAVIANI, Nereide. **Saber escolar, currículo e didática**. Problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. Campinas, SP: Autores Associados, 1998.

SCHEFFER, Natacha. **Afetividade e cognição**: a importância das relações subjetivas que se estabelecem entre professor e aluno. 2003. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

TARDIFF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZABALA. **A prática educativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

APÊNDICES

Apêndice A - Entrevista com o Professor A

Eu acho que o importante é que tu consigas atingir o aluno. A aula funciona melhor se houver algum vínculo de afetividade. Alguns professores discordam, acham que não deve haver esse vínculo, que professor é professor, que está ali para ensinar alguma coisa e não precisa se envolver.

Mas acho que é importante, porque assim tu consegues fazer com que eles percebam que realmente tu te interessas, que realmente estás preocupada com eles, que estás querendo que eles aprendam alguma coisa.

Não criando esse vínculo parece que eles se bloqueiam, eles bloqueiam a Matemática. A matemática é uma matéria árida, procuro suavizar trabalhando com jogos, com algumas coisas diferentes, trazendo novidades, mas, mesmo assim, na hora que entra a parte matemática, eles acham complicado, sempre acham difícil, isso é normal.

Se eles criam vínculo com o professor de Matemática, que normalmente eles acham que é uma bruxa velha, de óculos, pois têm uma imagem do professor de Matemática horrível, imaginam sempre um carrasco, não imaginam que seja um professor bom, então, partindo disso, se tu não consegues criar esse vínculo, eles não conseguem uma aprendizagem adequada. Eu procuro fazer isso, procuro brincar, eles me abraçam, nós falamos sobre os mais variados assuntos. Mas é difícil, vai depender muito da turma, vai depender muito do aluno, vai depender da carga que eles trazem de casa, pois, às vezes, não conseguimos chegar neles. Depende da nossa abertura ao querer bem. Nem todas as pessoas tu vai conseguir chegar e às vezes vai perceber que “o teu santo não vai bater com o dele”, então, por mais que queira às vezes, tu não consegue se aproximar, muitas vezes eu tento, eu tento bastante.

Acho que a relação professor-aluno influi e influi bastante, é muito importante manter um bom relacionamento com eles, fora da Matemática, para que na Matemática eles consigam trabalhar melhor.

Com as turmas que eu estou trabalhando agora, com as oitavas séries, está mais fácil.

Tem muitos alunos que não são de classe especial, mas que são muito mais especiais; muitas vezes não conseguimos chegar nesses alunos, eu trabalho com

eles à tarde (turno inverso) e o que ajuda muito é que o laboratório faz com que eu tenha um relacionamento diferente também. É um grupo muito pequeno, com cinco alunos, e esse laboratório faz com que eu tenha um relacionamento diferente, porque dá tempo de conversar, saber o que aconteceu, dá tempo de se aproximar mais.

Os que vêm para o reforço ficam bem melhores, é gritante a diferença, porque assim fazemos especificamente cada exercício, eu vejo com eles porque eles não fizeram, o que trancou. E eles respondem que trancou em tal atividade, que não sabem como se faz tal coisa, então só reviso com eles o que não conseguem fazer.

A diferença apresentada por eles é absurda. No ano passado, o índice de aprovação melhorou bastante na matemática, justamente por causa do laboratório, desse suporte todo que o laboratório dá. Aqui nessa escola ainda bem que tem esse recurso, mas, se falarmos nas escolas em geral, é muito difícil ter uma escola que disponha de um professor para isso, é muito complicado, não é que as escolas não queiram, mas é que o Estado não disponibiliza professores para esse tipo de coisa, é muito raro.

Na minha outra escola também tem, mas o trabalho é diferenciado. Eles fazem com que a turma toda assista, e nisso eu discordo. Acho que não funciona, pois as aulas de reforço são incluídas dentro do horário, tem seis períodos diários à tarde, as aulas vão até às seis e quinze, são períodos de quarenta e cinco minutos, só que dentro da sala de aula ficam alunos que já sabem junto com aqueles que têm dificuldade. Os que já sabem não estão nem aí para ouvir de novo a mesma coisa que já sabem, que já foi dita antes. Na verdade é uma extensão da aula, um período a mais de aula e eles vêem aquilo como um castigo, eles já têm cinco períodos de Matemática, mais um, são seis períodos de Matemática. Poderia ser uma recompensa, onde os que já aprenderam poderiam ir embora mais cedo, por isso acho que o trabalho que é desenvolvido aqui é melhor, pois se trabalha só com os alunos que precisam realmente, aqueles que estão com dificuldade de aprendizagem na matéria. O trabalho varia de uma escola para outra, vai depender da turma, vai depender de como está sendo organizado.

Aqui acho que funciona bem porque no momento que percebemos que algum aluno teve um decréscimo na aula, digamos assim, podemos trocar com um aluno que melhorou, fazemos esse mexe.

A maioria dos alunos que vem para o laboratório não tem hábitos de estudos. Eu pergunto e eles me confirmam que a professora deu o conteúdo, então faço eles voltarem a olhar os seus cadernos e verem como ela deu o conteúdo.

Trabalhar com as diferenças dentro da sala de aula é muito frustrante. Acho que o professor de primeira à quarta consegue digerir isso melhor. Ele tem uma tarde inteira, a semana inteira, então pode se programar dentro desses horários, resgatar aquilo que ele não conseguiu antes, mas nós não, a gente entra e sai e eles, principalmente quintas séries, se perdem. Sai de um professor e sobe para sete ou oito professores, às vezes mais, então há uma perda para eles grande. Essa história de vai quarenta e cinco minutos, fecha o caderno agora é outra matéria totalmente diferente, é muito complicado, eu ainda não descobri a fórmula adequada.

Infelizmente as minhas aulas são basicamente o livro, que uso para suporte, nunca o segui direto, até porque não tem nenhum livro que eu consiga me encaixar de fora a fora, que sejam bons de trabalhar, então eu uso o livro como suporte para fazer um exercício, alguma coisa a mais, mas nada específico. Lamentavelmente uso muito o quadro. Eu já trouxe jogos, mas os jogos os alunos consideram que é só uma brincadeira. Eu procuro sempre expor que o jogo vai servir para isso e para aquilo, deixo bem claro quais são os meus objetivos, explico como se joga, o porquê do jogo, mas não funcionam, eles acham que é brincadeira, começam a correr de um grupo para outro, já começam a se estapear, a circular, vira gandaia, alguns acham que aquilo é joguinho, é frescura, é matação de aula, então eles ignoram o jogo frontalmente, falam sobre outros assuntos. A minha utilização de jogos foi frustrante, pelo menos nas escolas que eu estou trabalhando atualmente.

Eu trazia muito material em xerox, mas o que eu percebi é que eles colocavam a maioria das folhas no lixo, e quando eu ia precisar do conteúdo ele não estava ali. Por esse motivo tive que voltar ao tempo de olhar os cadernos.

Passo no quadro um resumo do resumo do resumo, para ficar uma coisa bem básica com exemplos, então passo e olho caderno por caderno para ver se copiaram, e, se não copiaram, eu tiro pontos. Dou nota pelo caderno, senão quando vou fazer um trabalho com consulta muitas vezes eles não têm nada, absolutamente nada, ou é uma desorganização total. Cobro o caderno para que eles acabem-se organizando, que é uma coisa que eles não conseguem fazer, vale um objetivo, vale para trabalho.

Eles estão sempre pedindo para fazer trabalho com consulta, mas como é com consulta eu não aviso, pois é obrigação do aluno ter o material em dia; trabalho com consulta eu faço qualquer dia e qualquer hora.

Eu olho os cadernos uma vez por semana, quando eu consigo. Olho uma vez por semana para manter o caderno em ordem; quando deixo para duas semanas o caderno, geralmente, vira uma bagunça. Vou de classe em classe, se deixar que eles venham na minha mesa, quando vejo tem uma fila quilométrica do meu lado, isso começa a me enlouquecer, eles começam a se empurrar, é uma loucura.

Não sou de gritar, de jeito nenhum. Eles acham graça por que digo: “Vocês não vão conseguir me enlouquecer; vocês não vão me fazer sair sério”, e não conseguem mesmo, sou calmíssima.

A única coisa que faço é dizer para eles que estou explicando o conteúdo, se eles continuam conversando procuro manter o mesmo tom, e continuo explicando. De repente eles começam assim: “Hein?” E eu digo que já expliquei e eles: “Como assim professora?”, digo que estava explicando e sinto muito, pois estavam falando mais alto do que eu, então não ouviram a explicação. Isso funciona muito, eles se apavoram, pois simplesmente considero que já foi explicado, quando eles vão fazer os exercícios, obviamente não sabem, então chegam e perguntam e eu explico novamente. Considero que estava explicando, dou um choque neles. Porque senão o que vai acontecer é que vou perder a minha voz, vou ficar estressada, e o Estado não paga o suficiente para valer a pena.

Eu sou naturalmente calma, sou daquele estilo que, se tu me tirares fora do sério, eu jamais vou bater boca contigo, o máximo que vou fazer é ficar silenciosa, e, como falo pelos cotovelos, tu vais perceber que não estou agradada com determinada situação. É o máximo que tu vais conseguir de mim, sou capaz de ficar sem falar contigo dois dias tranquilo, passo por ti como se fosse um poste, na mesma casa. Se tu me tirares fora do sério, não vou ser grosseira, jamais vou usar palavras que acho que não se usam. As coisas que são ditas depois não tem como recuperar, nem sempre se pensa naquilo que está sendo dito. Fala-se às vezes só para magoar mesmo, para ofender, não tem como retornar aquilo que já foi dito. Consigo me manter em silêncio até assimilar aquilo que me incomodou, depois chego e digo que fiquei profundamente magoada com o que foi dito ou feito, acho que tu poderias ter colocado as coisas de outra forma. Esse é o meu estilo, eu sou

assim com todos, inclusive com os meus alunos, eu chego a chamar separadamente.

Hoje mesmo estava falando com um aluno que conversa muito. Chamei ele e disse: “Olha estou muito preocupada contigo, meu lindo, tu vais rodar. Por mais que eu goste de ti não posso fazer um milagre, se tu não te interessar eu não posso te dar nota de presente; tu estás brincando, estás conversando, não estás copiando, não estás te interessando em perguntar as coisas que não entendeste; e as provas que tu fizeste, de oito objetivos, atingiste dois”. Essas conversas com os alunos funcionam.

Já fui ofendida uma vez por um aluno em aula, ele estava brincando muito, mas era aluno de vila, bem pesado, estava com brincadeiras dizendo que ia passar o batom aqui e ali nas meninas. Então disse a ele que a sala de aula não era o local adequado para aquilo que, por favor, ele guardasse, porque senão eu teria que tirar ele da sala de aula. Ele me mandou passar o batom naquele lugar, disse: “Olha, então, rua passa o batom onde tu quiseres, mas na minha aula tu não vai ficar”, ele saiu. Parei para pensar que, de qualquer forma, querendo ou não, vou ter que aceitar esse aluno de volta na sala de aula, não posso botar um aluno para rua para nunca mais voltar. Penso que colocar um aluno para fora resolve o problema do professor, para o aluno não muda nada. Pensei: “Vou ter que ganhar esse cara de uma forma ou de outra”. Era uma turma de sexta ou sétima série, não lembro ao certo, e ele já tinha uns dezoito anos, estava no limite para ser mandado embora, com dezoito estava quase que não necessitando mais ser obrigatório a matrícula no Ensino Fundamental. Era o tipo do cara que já não tinha muita perspectiva e não estava interessado. Esperei até o outro dia e, antes de entrar na sala de aula, chamei ele e disse assim: “Olha, quero conversar contigo pelo seguinte: queria ver contigo o que foi que fiz de errado para que tu tivesses me tratado com tanta grosseria?” E ele respondeu que eu não tinha feito nada, perguntei se as minhas aulas estavam tão chatas assim. E ele disse: “Não, professora, a senhora é legal”. Fiz ele refletir perguntando se alguma vez tinha visto eu usar alguma palavra que fosse ofensiva para ele ou para os colegas. Pedi então que ele me explicasse o porquê daquelas atitudes e ele logo se defendeu dizendo que não queria ter ofendido a professora, que tinha ficado brabo na hora. Eu disse: “Se tu me deres um motivo razoável eu posso até entender, estou aberta a sugestões, a críticas, aos alunos chegarem e me dizerem como poderiam ser as minhas aulas, críticas

construtivas, sugestões e idéias são sempre bem-vindas. Mas grosseria ninguém aceita”.

Essa conversa que tive com esse aluno foi um santo remédio, a partir desse momento ele nunca mais me incomodou até o final do ano, não virou um anjo, mas comigo melhorou as atitudes.

É difícil, professor também é gente, o professor também levanta com o pé o esquerdo, o professor tem problemas fora da escola, o professor também tem TPM, o professor tem dívidas, o professor tem todos os problemas que eles têm. Não é tão simples dizer que hoje tu vai conseguir fazer isso. Aquele dia eu consegui parar porque foi de um dia para o outro, consegui raciocinar e vi que tinha que dar uma guinada, senão não ia dar, mas nem sempre consigo, às vezes tem que tomar um posicionamento e uma decisão na hora, na maioria das vezes é preciso improvisar, não tem tempo para parar e pensar como fazer.

Tive tempo porque tirei o aluno da sala de aula e ele só voltou no outro dia, então tive praticamente 24 horas para pensar em como reverter a situação para o meu lado, mas nem sempre se consegue isso, dentro da sala de aula eles podem te afrontar e não tem como rebater ali, eles adoram afrontar na sala de aula porque ali tem o suporte dos colegas, do grupo.

Valorizo muito a minha relação com os alunos. Se eu vejo que a turma está extrapolando demais, eu paro a aula e falo com o coração. Falo o que sinto, digo que me dói muito ver eles colocando fora o futuro deles, que eu queria que eles sentissem como para mim é importante que sejam alguém na vida, questiono: por que vocês fazem isso com a vida de vocês?

Eu, na verdade, já fiz as minhas opções, não estou parada, pretendo atingir outros objetivos, não me acomodei, mas a minha vida pelo menos já está mais organizada, mais estabilizada, tenho como trabalhar, me mantenho, a minha vida já está encaminhada enquanto eles não fizeram nada ainda.

Paro um período inteiro só falando. Funciona com alguns, mas com outros não.

Tem algumas pessoas que discordam de mim porque não me volto só para o conteúdo matemático, paro tudo e vou para outra coisa se for necessário. Muitas vezes estou em sala de aula e eles falam uma coisa nada a ver com a Matemática, paro e comento aquilo que estavam falando. Eu me meto nos assuntos, eles dão risada, e depois dou aquela puxada, agora vamos voltar aqui para a Matemática, assim acho que eles focam mais. Às vezes eles estão a fim de falar de outro

assunto, são adolescentes, não dá para querer que eles fiquem voltados para uma coisa apenas.

Eles estão sempre perguntando: onde que eu vou usar isso? Para que eu quero isso? Esse monte de letrinha... Sempre uso aquele chavão, ajuda no raciocínio lógico, a ter uma maior percepção do ambiente, e digo mais, digo que isso tudo é a base para a profissão que eles optarem. Como o próprio nome já diz, Ensino Fundamental, ou seja, os conteúdos aprendidos são fundamentais para a vida deles.

Vai muito de saber lidar com as diferentes turmas, vai muito da relação que se estabelece com os alunos.

Apêndice B - Entrevista com o Professor B

Com certeza, as relações entre professores e alunos influenciam no ensino da Matemática. Influenciam muito; a partir do momento que eles têm uma simpatia contigo torna-se mais fácil perguntar, resolver, errar, apagar e fazer de novo. E entre eles também, porque, se eles se dão bem, tem o monitor que eu coloco para ajudar, ele consegue chegar onde, muitas vezes, eu não consigo.

O monitor é um aluno que tem mais facilidade e um bom entrosamento com a turma, às vezes àqueles muito inquietos, eu dou tarefa para não ficar pegando no pé o tempo inteiro, dou atividade e eles se sentem bem, digo: hoje tu vais ser o meu ajudante, como com os pequeninos. Uso o monitor para olhar o tema, ou os exercícios. Ele faz as mesmas atividades que os outros, assim que termina começa a ajudar os com mais dificuldade, no lugar de ficar perturbando, incomodando, vai ajudar os colegas. Os alunos gostam de ser monitores, eles sentem-se bem, acho que é gratificante, porque eles precisam. Muitas vezes essas crianças têm problemas, querem chamar a atenção por algum motivo, vejo o lado humano. Queria humanizar a Matemática, porque é muita lógica, muito cálculo, muita coisa. Fico com pena deles.

Na sala de aula há muita diferença, isso é um ponto a ser pensado; nós temos que respeitar o ritmo de cada um e fazer com que eles também se aceitem, porque cada um tem suas limitações; respeitar o outro. Todos nós temos preferência de cor, de disciplina, de pessoas. Eu consigo perceber e identificar os diferentes ritmos. Dou uma atenção maior, mais especial para aqueles mais lentos, paro um pouquinho, faço a turma esperar, para que esse que está com dificuldade chegue até onde os outros colegas estão.

A primeira coisa que valorizo é o que eles já têm de conhecimento, o que eles trazem de casa. Uso tudo que estiver em sala de aula, peço para eles trazerem coisas mais simples, de fácil manuseio, como caixa de papelão, caixa de fósforos. Mas o básico é o quadro negro, gosto muito de trabalhar com a sala em forma de U, ou em duplas, gosto muito que eles se ajudem. Melhor do que usar o quadro negro seria, (é que eu não tive uma experiência muito positiva, logo que comecei minha experiência como professora comecei muito sozinha, sem supervisora, orientadora, enfim, apoio pedagógico); comecei só fazendo construtivismo, toda encantada,

adorando os meus alunos, eu gosto deles, eu trabalho para eles, não me interessa que o colega não goste, eles são o meu foco, eu dou aula para eles, sou professora deles. Eu não fico preocupada com o que os outros vão dizer, explicar o que eu fiz, ou vou fazer.

Tive uma experiência negativa ao trabalhar com o concreto porque, além de eu não ter um apoio, os alunos não estavam acostumados com essa metodologia de aula, estavam acostumados com outros professores que trabalhavam diferentes, de uma forma mais tradicional; me choquei quando percebi que os alunos estavam acostumados com folhinhas mimeografadas, que não dava para entender direito o que estava escrito, extremamente tradicional. Eu vejo o aluno como um sujeito, como uma pessoa, como um ser humano, não interessa se ele tem quinze, dezesseis anos.

Como não tive apoio, me senti agredida, não agüentava mais, eu entrei com tanta expectativa, com tanta idéia nova, cheguei na sala de aula e vi que não era bem assim, fiquei num canto isolada, pois todo mundo trabalhava diferente, agora acho que isso está mudando. Eu queria montar um laboratório, usar o ábaco, o jogo de boole.

Hoje minhas aulas são um meio-termo, nem totalmente tradicional nem tão construtivista. Já fui chamada atenção até na frente dos alunos por trabalhar assim. É claro que eles não vão ficar mudos na aula, eu não consigo isso, eu nunca vou conseguir, eu não quero, eu odeio aula apática. Até tem uma oitava série em que eles não falam nada. Eu detesto. Gosto que me questionem, por exemplo: por que não existe a potência zero. Não gosto que acreditem e aceitem tudo o que eu digo. Digo que não é aula de cópia. Nunca consegui, nem quero que as minhas aulas sejam silenciosas, não é porque tem um conversando que vou parar toda a aula.

Uma vez fiz um trabalho sobre a bandeira, fomos para biblioteca pesquisar sobre a bandeira, sobre a forma geométrica, esquema de cores, as medidas, quando surgiu, quando foi feita a bandeira do Brasil, a bibliotecária ficou furiosa, onde já se viu aula de Matemática na biblioteca, eu era assim, mas me cortaram totalmente. Chamo isso de falta de atualização, faltam idéias novas, dinâmicas e de tempo para reuniões e discussões sobre os mais variados assuntos.

Quando eu entrei foi horrível, eu tive turmas com alunos da FEBEM, era um horror. Improvisei muito.

Amo Paulo Freire e Piaget, mesmo sabendo que, às vezes, parecem idéias utópicas. Eles têm idéias belíssimas, vêm o lado humano, acho impressionante, sei que nunca vamos chegar ao ideal das suas propostas, mas, com certeza, podemos nos aproximar.

Meu objetivo é fazer com que meus alunos cresçam como pessoas, saibam pensar, fazer com que meus alunos pensem. Acho que faço meus alunos aprenderem a pensar questionando, muitas vezes partindo do erro deles, porque quem errou, o que errou, onde que errou, como podia ser se tivesse feito de outra forma.

Os alunos corrigem as suas provas. Primeiramente eu corrijo, mas não coloco a resposta certa, entrego para eles, eles refazem, quem quer ir ao quadro vai, mostra como poderia fazer.

Eu não ensino regras, acho que os alunos devem formar as regras, descobrindo como é, como acham que é.

Na correção das provas e trabalhos, corrijo questão por questão, olho tudo que escrevem, coloco textos para eles. Considero o desenvolvimento do pensamento dos alunos. Escrevo beijo, quando deixam recados, quando dizem te adoro, te amo. Por que não valorizar isso? Eles precisam disso, eu também preciso, eu também gosto. E isso faz muita diferença nas minhas aulas. Gosto de dar uma mensagem de estímulo. Só porque é Matemática que eu não vou dizer uma mensagem?

Às vezes aparece uma certa dificuldade de comunicação, porque no meio deles nem sempre tem como contar com os pais para auxiliar, dar uma ajuda nas atividades escolares. E, às vezes, parece que estou falando grego com os meus alunos, daí eu mudo o meu vocabulário, mudo a maneira de apresentar, por exemplo, agora estou trabalhando com os números inteiros, fazendo um jogo dos sinais, usando fichas de cores azuis e vermelhas, para eles é difícil, para nós é simples. Talvez um dia deve ter sido complicado. Os alunos que confeccionam o material para aula. Os jogos influenciam muito na prática, acredito que nós guardamos muito mais vivenciando, fazendo, do que só escrevendo. Acredito que isso se dá pelo fato de envolver prazer no que está sendo feito. Eles fazem uma coisa que eles mesmos vão confeccionar, pintar, tem mais arte, não fica só naquela coisa de conta e conta.

Muitos alunos só sabem copiar, aí eles querem cópias e eles nos cobram isso, sofri muito com essas situações, pois, muitas vezes, chegava à direção que eu só estava fazendo brincadeiras, jogos, trabalhinhos e não dava aula. Eles acham que Matemática, se não tem cálculo, não é Matemática. Os jogos eu faço de noite, às vezes levanto às cinco, seis horas. Faço porque gosto, gosto de ser professora. Escolhi isso, lembro que quando trabalhava no banco só pensava “Eu tenho que sair desse banco”, eu odiava, eu queria dar aula, era o que eu gostava mesmo.

Vejo que a boa comunicação proporciona um maior entrosamento, e eu aprendo junto com eles, até novas maneiras, ou seja, melhora a forma de dar aula. Acho que aprendo com meus alunos todos os dias, e, como aprendo, por isso que acho bom ser professora, não é sempre a mesma aula, a mesma coisa, sempre tem coisa nova.

Tenho um caderno de planejamento, que muda de ano em ano, até mesmo as provas, não consigo fazer igual, nem de uma turma para outra, porque vejo que, às vezes, algumas turmas têm limitações que outra não tem. Por exemplo: a turma 64, eu sou conselheira deles, mas as limitações deles totalmente diferentes da 62, da 63. Infelizmente. Tenho uma aluna que eu adoro, ela está com dezenove anos, a Paula. Ela conseguiu, só agora, em uma prova que valia cinco, ela tirou três, pobrezinha. Fico com pena, fico pensando: “Ela tem dezenove anos, está na sexta série, o que eu posso fazer por esses alunos?”. Coitadinha, de tanto eu repetir: “Tu vai conseguir” agora ela está conseguindo, acho que esse ano ela vai passar, mas imagina, são quatro ou cinco anos na sexta, já rodou comigo várias vezes. Sinto que já teve um progresso, mas não sei se o suficiente.

Eu falo todos os dias para os alunos que eles vão conseguir. Tem alguns que falam aos colegas “Tu és burro!”, então eu digo: “Nada disso, vocês não são burros, todos têm capacidade, é só querer”. Acho isso muito importante.

Eles participam bastante, vão ao quadro, não deixo rir um do outro, porque o outro é diferente, porque é gordo ou porque magro isso nas minhas aulas não existe.

Sou bem aberta para eles trazerem assuntos que não são da Matemática. Inclusive pergunto, por exemplo, agora que o nosso astronauta foi à Lua. Por que não? Assuntos pessoais também, eles contam sobre os Rebeldes (novela), que são apaixonadas pelo fulano, que gostam, eu ouço tudo isso. Por que não? Acho que se pode trabalhar com isso também, fazer gráficos, tabelas.

O relacionamento com os meus alunos está muito bom, bem construtivo, eles perguntam, são participativos. Estou com idéias novas, cada ano eu mudo, até para não ficar aquela mesmice para aqueles alunos que estão repetindo.

Só o que está faltando é mais tempo, eu não tenho muito tempo. Se eu tivesse mais tempo eu faria muito melhor. Está faltando mais relacionamento entre os professores, as trocas, não só Matemática com Matemática, uma disciplina não vive sem a outra. Por que não trabalhar com História, com Português, com Ciências?

Apêndice C - Entrevista com o Professor C

Eu vejo que o professor tem um grande papel, é um motivador. O aluno tem que enxergar lá na frente um professor que está interessado em ensinar, o aluno vai ter um parâmetro, um referencial para prestar atenção, para olhar sua postura. Ele vai verificar que o professor está ali não só para “encher morcilha”.

Geralmente os alunos estão na sala, mas com aquela conversa entre eles que já cansei de ouvir: “Ah! Tal professor, só deu o conteúdo e não explicou, ou explicou uma vez só”.

Nesses anos que trabalho com crianças, percebi que eles precisam primeiro que o professor se posicione, expresse o seu objetivo e, a partir disso, mostrar que realmente o objetivo é fazer com que eles entendam o conteúdo. Se o professor se mostrar capaz e interessado, o aluno vai ter mais interesse, vai ter mais disciplina, não vai prejudicar tanto a tua aula. Esse é o caso daqueles alunos que ficam dispersos, geralmente o professor tem que chamar o diretor, mas se tu parar, olhar para o aluno e forçar aquele aluno a aprender, acredito que ele vai-se estimular e vai aprender. Muitas vezes acontece o contrário, o aluno vai ver que o professor não está nem aí com ele e esse aluno não vai estar nem aí para o professor também.

O professor não passa uma química para o aluno. Tem que passar uma química, tem que brigar. Às vezes me vejo brigando com um irmão, um parente; eu brigo com eles, vou ao máximo, daqui a pouco me boto no meu lugar, ponho o aluno no lugar dele e já vou resgatar.

O que vejo acontecer com os outros professores é isso, eles brigam com o aluno, tiram o aluno para fora da sala e deu, acabou, resolve o problema do professor, mas do aluno não. Então o professor tem que se posicionar, não pode deixar a peteca cair, mas tem que ver que o objetivo central dentro daquela sala é passar o conteúdo, não importa qual, mas tem que achar um meio de prender o aluno, brigando ou conversando, aí o professor vai usar as armas que tem.

Difícilmente levo alguém para Direção. No meu primeiro ano, como era novato, via todo mundo levando e pensava: “Ah, vou levar, vai resolver”, mas vi que não. No momento em que comecei a brigar com os alunos, brigar mesmo, mandar calar a boca, bem antipedagógico, vi que estava melhorando e as notas começaram a melhorar. Vejo que aquele papo de brigar com o aluno, dizer não, dizer que ele é

capaz, motivar funciona, mas o professor não tem que dizer só da boca para fora, tem que acreditar mesmo.

No primeiro dia de aula, quando ainda não conhecem o professor, os alunos não perguntam. Por que eles não perguntam? Eu já vi isso, é porque o professor, quando os alunos perguntam uma vez, ele vai lá e responde, perguntam a segunda, o professor desestimula chamando-os de burros. Onde está o papel do professor? Se o aluno é burro, então tem um burro lá na frente, por tabela esse professor se chamou de burro.

Tem casos que é complicado, que tu consegues passar para o aluno e que outros professores não vão conseguir, mas isso é uma questão de avaliação, não é que o aluno seja incapaz. E está aí as nossas inteligências múltiplas que tanto falam na universidade, lá é um mar de rosas e, quando vai para sala de aula, o professor esquece tudo: o aluno não tirou doze pontos, está reprovado; o professor que tem que ser um pouco mais soberano, flexível ao avaliar, tem que ver que está avaliando uma pessoa e não uma máquina. Por isso que digo que o professor tem que ser motivador, tem que encarar, tem que brigar na hora certa.

A relação professor-aluno influencia sempre, influencia direto. A questão do espelho vale muito, eu cuido muito a minha postura diante deles, porque isso vai refletir neles com certeza, mais do que talvez aquele um mais um que ensinamos lá no quadro.

Às vezes é bom o professor parar e conversar quando está perdendo o punho. Muitas vezes já peguei a turma bem agitada, mesmo tendo a minha postura, já senti que estava perdendo o punho com eles, então paro e converso. Hoje tenho muito mais domínio que antes, e cada vez mais. Eu falava muito alto, berrava, mas percebi que eles vão criando respeito pelo professor, não é o respeito pelo medo, é bom ter o respeito pelo que tu podes oferecer para eles.

Eu vejo assim: quando eles gabaritam uma prova, estou sempre puxando eles para gabaritar; eles criam respeito, na hora que estou falando eles param.

Eu ouço falar muito de determinados professores, eles têm o medo da pessoa, pavor. Já comigo é diferente, entro na sala, peço silêncio, eles sabem que tiro ponto, não tiro tudo que digo que vou tirar, mas faço uma pressão total contra eles. O mesmo eu faço na prova, quem abrir a boca vai perder ponto, tiro na frente, mas, na hora de corrigir, vejo uma prova tão bonita e não consigo tirar os pontos, não desconto nota no conteúdo, só na participação, jogo todos esses descontos

para nota de participação. Dou um de pai ali dentro, mas na frente deles tenho que puxar, e está funcionando, cada vez mais eu vou aperfeiçoando as coisas.

Às vezes, é complicado essa relação misturar aluno e professor; tem que vestir a camiseta porque muitas vezes se cometem erros. Vejo outros criticarem, mas acredito que é uma influência muito grande o professor para o aluno. Muitos ex-alunos vêem e falam “sor” estou com saudade dos pontos negativos que o senhor me dava, se cria uma relação prazerosa.

Como professor, é preciso conquistar um espaço, e esse espaço acredito que não pode ser usado contra ti, tem que ser a favor, mas muita gente acaba jogando contra, o que acho que não é o meu caso. Mas tenho alguns colegas que jogam contra e isso prejudica a aprendizagem; o aluno não gosta do professor e então não gosta da matéria. Quando eu não trabalhava com alunos, tinha esse medo porque sou extremamente tradicional, mas estou conseguindo fazer as minhas aulas funcionarem.

Defendo que se deve separar os alunos, eu detesto a avaliação por conceito pelo fato de nivelar, estou numa briga na minha escola por causa disso. Acabo jogando nota e mostro para eles, transformo uma nota em uma letra, porque os alunos não aceitam um “AP” com setenta e um “AP” com noventa; o aluno é diferente, todas as pessoas são diferentes. A mesma coisa faço quando estou explicando, cada um tem uma velocidade para aprender, tem uns que aprendem num estralo a Matemática, outros eu vou explicar, às vezes, três, quatro, cinco vezes a mesma coisa. O professor é obrigado a respeitar isso. O ideal seria ter trabalhos à parte para aqueles alunos que são mais adiantados e até mesmo para aquele mais lentos, porém não faço isso; trabalhos diferenciados, uma folha, enfim cada caso é um caso.

Tenho dois alunos que sentam lado a lado, o Gilberto e a Stefani, o Gilberto é muito acelerado, e no lado dele tem a Stefani que é lenta, ela gosta e quer ir com o colega que vai correndo, só que, se ela for correndo, ela cai, como eu digo para eles, vocês estão aprendendo a caminhar, estão engatinhando. Pergunto para eles, o que acontece com uma criança que recém está aprendendo a caminhar se ela sair correndo? Ela vai cair, eles respondem, então é o que acontece com eles, só que tem uns que já estão correndo. Nessas horas que entra o nosso referencial didático, o nosso livrinho, tem que ser um livro bom, uma bibliografia adequada para pegar aquele aluno e escolher rapidamente uma tarefa para ele. Se não tem o livro, vai dar

mais trabalho, tem que planejar diversas atividades. Estou sempre cuidando o nível da turma para aquele aluno que está mais acelerado não avançar muito em relação à turma, para que depois não fique entediado.

Quando uma parte da turma entendeu e outra não, lanço outro exemplo, só que provoco, dou alguns segundos para que eles tentem fazer, dêem uma refletida e me digam alguma coisa. Sempre tem um que fala alguma coisa, começo a fazer sempre dando margem para aqueles que já entenderam realizar a tarefa, fazendo o exemplo antes de mim. Com os outros vou explicando, procuro envolver a todos, pois quando isso não ocorre aqueles que não estão envolvidos começam a conversar. Tento estimular eles para fazer o exercício junto comigo ou, até mesmo, antes, para que eu possa pegar as dificuldades. Não vou a favor daqueles que não entenderam assim como não vou a favor daqueles que já entenderam por completo e já estão prontos para fazerem os exercícios.

Deixo que os alunos se ajudem, mas pego muito mais pela individualidade, digo para darem uma dica para seus colegas, mas sem dar a resposta, estimulando a pensar. Eles têm essa dificuldade de explicar sem dar a resposta, fico no bico deles para não acontecer isso, porque na hora que está com o colega está aprendendo, mas, após isso, na hora da prova mesmo, na hora da seleção, não vai estar em grupo, o nosso sistema não suporta isso, não foi criado para grupo, sempre vai ter um concurso, um vestibular que ele vai estar sozinho.

Não trabalho em grupos e também não sou a favor de muito trabalho, porque acredito que a Matemática tem que assimilar mesmo, não adianta fazer uma cópia, escrever. Eu fui aluno e sei a malandragem que é um fazer e os outros só colocarem o nome. Para não correr o risco de um fazer e o colega não saber, eu não uso o trabalho e aplico mais prova, teste, enfim alguma avaliação. Na verdade, às vezes eu nem dou a nota pela prova, a prova é mais um documento, vou avaliar se ele realmente está aprendendo. Eu faço prova oral, e depois digo para eles: “Vocês vão tirar tanto na prova”, geralmente acontece o que eu disse, só não acontece com aqueles casos que na hora da prova desnorteiam e não respondem nada, mas daí já tenho como avaliar o aluno. Alguns professores não fazem isso, só a prova é o que vale.

Estou lá para o aluno ir bem na prova, muitos acham que um bom professor é aquele que reprova o aluno. Detesto reprovar um aluno, quando estou corrigindo coloco um ponto de interrogação, ou seja, não entendi porque acho que um errado

não é bom para o aluno. Na verdade quando há uma reprovação em massa estamos nos reprovando, mostra que não atingimos aquele aluno. Acho muito complicado e complexo essa história de “passar o aluno”.

Trabalhar em dupla também nem pensar, fiz isso quando trabalhei com ciências, que eu detestava, até gostei um pouco da experiência das duplas, mas não é o meu chão, os alunos nas minhas aulas têm sempre que ficar virados para frente, estou sempre atento e chamando atenção para isso. Não deixo usar boné, sendo que agora estou um pouco mais flexível quanto a isso, para evitar bater de frente, evitar confusão. Eu não sou tão mau, eu inclusive deixo que eles saiam para irem ao banheiro arrumar os cabelos, passar uma água. Chiclete, bala e pirulito também nem pensar, sou sempre contra.

As minhas aulas são basicamente o quadro, giz, o livro e eu. Acredito que os recursos, para quem trabalha no Estado, têm que ser criados, tudo sai do bolso do professor, tudo depende do professor.

Sinto que os professores, em geral, estão mais preocupados em cumprir a carga horária, não estão interessados nos próprios alunos. É onde entra um motivador do professor, aquela velha história, não fazem o que gostam, estão ali em função do relógio, inclusive em reuniões e outras coisas eu não “esquento a cabeça” só não vou quando não posso, tenho três escolas, então tenho que fazer uma escala de prioridades. Por isso digo que quando tu estás vestindo a camiseta, está fazendo alguma coisa, tu tem espaço.

Em primeiro lugar está a educação do aluno, tem que trabalhar muito isso, sempre digo que a relação professor-aluno reflete-se na nota do aluno, então, como as minhas notas são boas, vejo que a nossa relação está andando bem, está boa. Acho que a maior dificuldade é o respeito. Esse deve ser conquistado com os alunos, eles vêm muito agressivos, muito respondões, até mesmo pelo fato da vida que eles levam em casa, eles são assim com os pais deles. Acho que muitas vezes eles não têm culpa. Nas reuniões digo para os pais: “Eu estou no meu papel, os senhores estão nos seus e os adolescentes estão nos deles. Eles querem tentar matar aula, tentar colar, querem tentar fazer tudo, porque está no papel deles. Quem não foi adolescente e não fez isso? Ou, pelo menos, tentou?” Os nossos alunos acham que nós não fomos, mas o pior é que já fomos adolescentes também. Por isso precisam de um parâmetro em casa também, só que não tem, a maioria não tem, então é essa a dificuldade que vejo, a comunicação entre os alunos.

No primeiro momento com o aluno, quando nunca trabalhou comigo, aparece uma certa dificuldade de respeito, tento botar na linha, não dou ênfase ao “senhor”, mas também não deixo me chamarem de tu. Mostro a nossa hierarquia professor-aluno, que dentro da sala de aula tem uma hierarquia, tem uma posição. Falo sobre a idéia da direção, que a escola é como uma escada onde um segue o outro, e a parte mais fraca da corda na escola é o aluno; eles devem respeito a todos e, até mesmo, a eles mesmos, é muito difícil fazer com que entendam essa relação de respeitar o próximo. Isso tudo influencia na aprendizagem.

Muitos ficam se xingando, botando apelido, acredito que isso prejudica o aluno. Não respeitam a velocidade dos colegas, largam uma piada, e, nesse momento, o que fez a pergunta não vai mais perguntar, porque na cabecinha dele ele pagou mico, ele vai ficar com a dúvida, mas não vai perguntar. Com o que fez a piada eu tiro ponto, converso, dou aquele sermão, faço ele pagar o mico por ter feito aquilo.

Acho importante o professor perder nem que sejam vinte minutos; na verdade não perde, ganha. Os alunos ficam entediados ouvir sermão, eles mesmos já chamam atenção dos colegas: “Não fala mais isso senão o professor vai dar mais meia hora de sermão”. Eles começam a se auto-educar e gostam, necessitam disso. Por isso que prefiro trabalhar com o Ensino Fundamental, porque consigo “manipular” eles. Posso xingar eles, claro que não vou arrasar o aluno, só vou fazer se tiver algum sentido, meto o dedo na ferida, mas fazendo com que essa crítica seja positiva, para gerar avanços no aluno e não o contrário.

Vejo professores chamar alunas de galinhas, isso não é coisa que se fale, cuidado para não usar esses termos nem mesmo brincando, é a mesma coisa daquela história que um tapinha não dói, pelo contrário, um tapinha sempre dói. Eu até digo para eles: “O que vai acontecer contigo se alguém te der um tapa no rosto? O que vai acontecer contigo, tu vai dar outro?”. Eles respondem “Não”, e eu aproveito e digo “Então não dê”. Eles têm mania de me pedir desculpas. E eu digo que tudo bem, que ele vai perder só a metade dos pontos que eu disse que perderia. Aceito as desculpas, mas ainda perdem a metade, porque eles têm que aprender a não fazer, não é só pedir desculpa. Sempre dou exemplos do nosso dia-a-dia, pois de nada adianta a pessoa matar outra e chegar na frente do juiz e pedir desculpas, ele vai ter que assumir o que fez, vai ter que pagar por aquilo ali, tento mostrar isso para eles.

Acredito que essa dificuldade de comunicação sempre consigo superar, acredito que não é só culpa deles. O professor tem que pegar essa dificuldade, trabalhar ela e fazer cama para os próximos; o professor vai trabalhar com esses alunos até dezembro, muitas vezes até no outro ou nos outros anos. Tem que modelar eles.

Cuido muito a minha postura como professor, porque vejo muitos que em sala de aula são uma coisa e fora dela são completamente diferentes, penso que tenho que mostrar fora de sala de aula as mesmas atitudes que tenho dentro. A minha relação dentro da sala é a mesma do corredor, eles vêm e me cumprimentam, não mostro muito os dentes, eles brincam comigo, mas, se vejo que a brincadeira está-se estendendo, eu corto mostrando que sou professor e quero respeito.

Nós somos modelo sempre, eles aprendem muito mais fora do que a gente acha que está ensinando. Acho bom os alunos e os professores não misturem as coisas.

O bom é o retorno. O meu prazer é ver a maioria dos meus alunos gabaritar uma prova, não faço provas “faraônicas”, faço o básico, e, se eles quiserem aprender Matemática, eles fazem uma faculdade de Matemática, ensino o básico para a vida, dou a prova oral, faço exemplo, preparo eles para a prova, então quero que eles façam uma prova boa, fico chateado quando o aluno não vai bem, tento rapidamente observar onde não ficou claro, onde pequei.

Essa coisa de ex-alunos virem e falarem: “Professor, estou sentindo a tua falta, o senhor explica de um jeito diferente”, isso é bom, faz bem para o meu ego.

Antes de entrar na faculdade eu não me via dando aula, o meu ramo era outro, eu queria trabalhar com a Matemática, o pessoal lá queria que eu fosse para a Engenharia, mas escolhi a educação com aquela dúvida de como é que eu vou me comportar. Sou muito tradicional, via aquelas aulas de didática onde tinha que montar coisinhas e mais coisinhas e pensava que, como sou tradicional, eles não vão aprender nada, mas agora estou vendo que não, não é bem assim, dá para misturar um pouco as coisas.

Eu não gosto de trabalhar em duplas e grupos porque eu perco o punho e quando vejo não estou ajudando nem a eles nem a mim. Só estou-me estressando. Muitos julgam o tradicional ruim pelo fato do alto índice de reprovação.

Acho sempre gratificante ser professor. Tem que vestir a camiseta, fazer o papel de professor.

Apêndice D – Entrevista com o Professor D

Tenho alunos que respondem às propostas de maneira muito rápida, e outros não; com esses que vão mais rápido eu procuro atender de maneira mais individual, e esses, muitas vezes, ajudam os que têm maior dificuldade, principalmente os seus amigos, os mais chegados, porque todos eles têm os seus grupinhos. Porém, os que ficam isolados eu mesma atendo. Tenho alunos que têm muita dificuldade, dificuldade nas operações básicas da Matemática, principalmente na divisão, para esses eu geralmente faço até uma folhinha diferenciada, com atividades extraclasse, que eles devem desenvolver em casa e trazerem outro dia, então eu sento com eles e corrijo, ajudando nas situações de maior dificuldade. Mas isso eu faço apenas nos casos mais graves, naqueles que eu sei que provavelmente não irão adiante se não resolverem, pelo menos em parte, tal dificuldade.

Como recursos metodológicos eu não uso muita coisa, minhas aulas são basicamente o quadro e o giz, sinto que tenho que usar, não consigo fugir muito disso. Tenho alguns jogos que gosto de utilizar nas minhas aulas, tenho o jogo de boole, aquele jogo de lógica, tenho utilizado ele com bastante frequência ultimamente.

Minha avaliação é o seguinte: dois testes, uma prova e um trabalho, geralmente neste trabalho eu faço alguma coisa diferente. Por exemplo, eu faço alguma coisa de recortar e colar, onde eles têm que encontrar a resposta, ou é um quebra-cabeça gigante que eles têm que montar e ali estão as questões que têm que resolver. Eu tive algumas experiências de introduzir um conteúdo com algum recurso metodológico diferenciado, porém nessas ocasiões eu percebi que a minha proposta acabou dificultando ainda mais a compreensão dos meus alunos, o que era para facilitar acabou confundindo ainda mais a cabecinha deles. Por exemplo, a fórmula de Báskara, eu usei o quadrado perfeito, e aquilo deu um nó na cabeça deles e depois ficou ainda mais difícil de trabalhar tal conteúdo. Então resolvi apresentar a fórmula pronta, foi quando um aluno me pediu de onde tinha saído, fiz a dedução da fórmula, nesse momento foi o caos, eles se apavoraram, Daí, o que eu fiz? Disse: “esqueçam tudo e vamos para a fórmula”, mostrei de onde veio, mas tenho certeza que nenhum deles entendeu exatamente o que eu pretendia ter demonstrado naquela situação.

Eu acredito que recursos metodológicos diferenciados funcionam mais nas séries iniciais. Eu uso mais para fixar o conteúdo, em trabalhos valendo nota, ou, até mesmo, para descontração e diversão. Todo mundo fala que as aulas que são basicamente no quadro não têm o mesmo valor daquelas que usamos jogos e material concreto, porém as minhas aulas são basicamente giz e quadro, e eu percebo que os meus alunos conseguem aprender bem dessa maneira. Não encho o quadro com milhões de informações, coloco apenas a definição, de forma bem resumida, o resumo do resumo do conteúdo, porque sei que poucos são os alunos que relêem o que foi escrito no seu caderno; penso que, pelo menos no copiar do quadro, eles se obrigam a ler, nem que seja uma única vez, porque se eu só peço para lerem a definição do livro, sei que eles, muitas vezes, ou não lêem ou, até mesmo, não compreendem.

Gosto de trabalhar com a turma em duplas, pois assim um ajuda o outro, muitas vezes eles entendem melhor com o colega, que pode até falar exatamente a mesma coisa que eu, porém na linguagem deles. Às vezes não consigo atingir determinados alunos, nessas horas é muito importante o auxílio dos colegas.

Muitas vezes eu falo e sinto que não estou sendo ouvida, os alunos não prestam atenção no que está sendo dito. Às vezes eu paro e fico esperando até que me olhem, de vez em quando dou uns gritos. Improviso conforme a situação se apresenta, conforme o meu estado naquele momento.

Deixo os alunos falarem dos mais variados assuntos, não paro uma aula para conversar determinado assunto. Por exemplo, “Hoje nós vamos falar sobre a Copa”. Agora, se surge algum assunto, eu converso. Eu converso com eles sobre futebol, sobre as festas que foram, enfim eu não paro uma aula inteira, isso acontece em alguns momentos, mas logo já voltamos ao conteúdo matemático. Eu tenho bastante abertura com os meus alunos, não sou limitada a falar unicamente sobre a Matemática, acredito que esses momentos criam um elo entre nós, facilitando o desenvolvimento das aulas, fazendo com que eles se foquem ainda mais, pois eles têm momentos em que podem conversar, assim não ficam conversando o tempo todo.

Dessa maneira eu me sinto mais próxima do meu aluno, ele se sente mais próximo, mais à vontade de perguntar, responder, participar das aulas.

Meu maior desafio é fazer com que todos aprendam o que eu me proponho a ensinar. Sei que esse não é um desafio alcançável, sei que é muito difícil fazer com que todos aprendam, todo ano é um desafio.

Já tive muita expectativa em relação a minha profissão, logo que me formei tinha muitas idéias, muitos planos, mas o tempo foi matando isso. Cansei de planejar uma aula, fazer alguma coisa diferente e na hora os alunos não darem bola, estragarem o material que eu me esforcei para fazer, ou, até mesmo, gastei meu dinheiro para comprar. Eu ainda tenho expectativas, não vou dizer que não, porém a minha motivação não é mais a mesma que era algum tempo atrás. Eu atribuo isso também ao momento que estou passando de vida, onde estou mais acomodada, deixando passar um dia depois do outro.

Não me sinto muito realizada profissionalmente, não sei dizer exatamente o que está faltando, queria maior reconhecimento e estrutura para desenvolver um bom trabalho.

Apêndice E - Entrevista com o Professor E

Acho que a relação entre professor e alunos depende muito da turma, porque existem turmas, assim como eu estou tendo esse ano, que tem que ser bem aquilo, professor e aluno, não posso querer ser amigo deles, fazer alguma coisa diferente, uma aula diferente, principalmente nas quintas séries desse ano, que estão terríveis, muita gente, as turmas estão grandes demais. Então eu acredito que a relação professor-aluno influencia sempre no desenvolvimento das aulas, porém esse relacionamento varia conforme as características de cada turma. Esse ano eu estou achando muito difícil de fazer alguma coisa diferente.

Até digo para eles, para os meus alunos, que eu tenho tantos jogos na minha casa, e não estou conseguindo usar, porque não tem como. Eles não conseguem ficar em silêncio, e isso eu acho que dificulta, e dificulta muito, quando eu quero fazer alguma coisa. Estou com muita dificuldade em fazer com que a gente se entrose mais. Mesmo assim eu tenho um bom relacionamento com todos os meus alunos.

Sinto que tem uma cumplicidade, uma coisa boa entre eu e eles. Por exemplo, a turma 61 e 62, as duas são ótimas, eu consigo parar e conversar, tenho mais gosto em explicar, sinto que há um retorno, o que já não está acontecendo com as quintas séries.

Eu procuro ser a mesma pessoa para todos, mas, quando noto que existem alunos com dificuldades específicas, procuro atender de forma individualizada, proporcionando situações que deixem eles mais à vontade para me procurarem. Muitas vezes vou até esse aluno tentar fazer com que ele entenda. Quando eu noto que uma criança tem mais dificuldade na aprendizagem, eu vou fazer com que ela tenha mais vontade de aprender, vou puxar mais.

Nas minhas aulas eu dou muita ênfase para eles irem ao quadro, eu sei que isso é uma coisa que muitos gostam de fazer, então, geralmente, os exercícios eu corrijo com eles indo ao quadro. Faço eles me explicarem o porquê de terem feito aquilo, o sentido da matéria que está sendo trabalhada e como está sendo entendida. Faço perceberem o que está errado, por que erraram, enfim faço com que eles reflitam sobre o que estão fazendo ou fizeram. Digo para não terem medo do quadro, que se errou não tem problema, juntos nós acertamos, assim acredito

que os deixo mais seguros, mais confiantes. Valorizo a ação, faço eles sentirem que é importante tentar. Não deixo que fiquem naquela situação sempre negando a sua participação no quadro, que deixem de fazer as atividades propostas porque consideram que não entenderam ou acreditam que vão errar sem ao menos tentar. Portanto, os que não entenderam são os que eu chamo mais, os que eu sei que estão com dificuldade são os que eu chamo no quadro.

Durante as aulas estou sempre circulando, percebo os alunos que estão com dificuldade nas provas, tenho mania de fazer quinhentos testes, dou uma matéria e faço um teste, não deixo acumular conteúdo, pois, se não for assim, acredito que muita coisa se perde, e essa é uma boa maneira que encontrei de acompanhar como vai o meu aluno.

Geralmente não tenho tempo para olhar todos os cadernos e acompanhar aula a aula o que cada um dos alunos fez ou deixou de fazer em determinado período.

Como dou essa abertura para eles, eles sentem-se bem à vontade para me procurar e tirar dúvidas. Sinto que essa abertura que dou é muito importante. Vejo que se não fosse assim, talvez muitos não entenderiam o conteúdo e iriam com essa dúvida para casa e sabe-se lá quando e como iriam esclarecê-la. Às vezes, só na prova pode ser tarde demais.

Como recursos metodológicos uso o livro didático, porém não muito. Faço vários joguinhos, mas nesse ano estou utilizando somente na sexta série, com as quintas eu não consegui fazer nem um simples jogo de bingo. As minhas aulas são basicamente exercícios, muitos exercícios. Ainda sou daquele tempo que é importante fazer exercícios para aprender Matemática. Fico muito no quadro e giz, até porque não tenho muita variedade de recursos disponíveis.

Eu noto que os alunos já chegam na quinta série com várias dificuldades em relação a diferentes coisas, não apenas no tratamento entre eles e com os professores, mas em relação aos conteúdos básicos da Matemática, aqueles que são pré-requisitos para um bom acompanhamento dos novos conteúdos. Muitas vezes a professora da quarta série não nota que eles têm essa dificuldade, pois eles passam o turno inteiro junto, o que já não acontece a partir da quinta, que o turno é fragmentado em períodos. Eu tive um aluno que, quando começou a aprender a tirar o denominador comum, me disse que era só multiplicar os denominadores, que ele tinha aprendido assim com a professora da quarta série. Ele até poderia concluir isso

depois de entendido todo o processo, porém jamais pensar que era apenas multiplicar os denominadores.

Eu tento de tudo para me aproximar dos meus alunos, mas cada caso é um caso, o que serve para um talvez não sirva para outro. Tenho consciência que não consigo atingir todos, e tenho certeza que esses acabam mais prejudicados em relação àqueles que têm mais abertura e mais afinidade. Eu tento com todos, mas muitos não querem tal aproximação.

Esses dias eu estava fazendo o pré-conselho com a turma que sou conselheira, que é a turma 62, eles disseram que gostam muito de ter aula comigo, mas não gostam da matéria; um chegou e disse que não gostava da Matemática, mas que eu fiz ele acabar gostando. Isso foi superbom, fazer alguém gostar de matemática já me realiza como professora, pois geralmente a pessoa gosta ou não gosta e pronto, quem gosta de Português geralmente não gosta da Matemática. E esse aluno chegou e disse que não gostava, mas depois que começou a ter aula comigo tudo isso mudou. Não sei dizer exatamente o que eu fiz para tocar esse aluno dessa forma. Às vezes, fico pensando, em casa, que os meus alunos devem pensar que eu sou louca, porque eu pulo em aula, eu tenho que fazer teatrinho para fazer com que determinado assunto entre na cabecinha deles, canto alguma música para fazer com que fixem a matéria, talvez seja isso que faça com que gostem das aulas e passem a gostar da matéria.

Sinto-me extremamente realizada como Professora! Acredito na formação continuada do professor, acho que preciso estar sempre me atualizando, sempre buscando novidades senão sinto como se estivesse parada no tempo. O triste da coisa é que não tenho dinheiro para poder investir em mim mesma, na minha profissão, e os cursos gratuitos são no horário de trabalho, tornando assim inviável a participação.

No início do ano eu digo como sou, como eu gosto de trabalhar, digo que não quero múmias na sala da aula; tento fazer com que eles entendam que têm o momento da brincadeira, o momento de ficar prestando atenção; enfim, gosto de deixar claro as minhas expectativas em relação a eles e a forma como gosto de trabalhar.

Gosto de trabalhar com a turma dividida em grupos ou em duplas, mas nesse ano tenho trabalhado muito pouco dessa forma, ainda não me senti à vontade para isso, principalmente com as quintas séries. No conselho de classe todos professores

falaram a mesma coisa, então ficou decidido que nenhum professor faria trabalhos em duplas. Acho isso muito triste, mas ainda não consegui enxergar alternativa.

O meu maior desafio é continuar fazendo com que os meus alunos aprendam, e fazer com que todos gostem da Matemática. É um desafio bem grande, mas acho que possível de alcançar. Sinto que a maioria dos meus alunos gosta da Matemática. Considero uma imensa desinformação quando dizem que ninguém gosta da Matemática, eu percebo o contrário, em todos os meus anos de prática sempre senti que a maioria dos alunos gosta.

Eu fui ser professora de Matemática porque o meu professor do terceiro ano do Segundo Grau disse que eu não sabia nada, reprovei naquele ano, fiquei muito indignada com aquilo. A minha mãe contratou uma professora particular para ir à escola pedir revisão de prova, e essa professora constatou que ele me rodou, porque pela prova eu tinha passado, naquele dia eu saí de lá e disse para ele: “Eu vou-lhe mostrar como eu sei e como eu gosto da Matemática e ainda vou ser sua colega”. Nunca mais olhei para cara daquele Padre; eu tinha vontade de matar, e a minha irmã adorava ele. Um dia o encontrei na praia, eu e a minha irmã estávamos caminhando e ele passou, a minha irmã foi abraçá-lo, achou maravilhoso encontrá-lo, e eu não podia olhar para cara dele. Mas foi então que ele me chamou e eu disse: “Sou sua colega, já estou trabalhando no Estado, sou professora de Matemática. Eu não lhe disse que gostava e que eu sei Matemática?”. Ele ficou com uma cara completamente sem graça. Essa experiência negativa em relação ao meu professor determinou a minha escolha profissional, portando acredito que nem posso considerá-la como negativa, pois me sinto muito feliz com a minha profissão. Uso essa experiência como exemplo de como não devo agir com os meus alunos.

O reconhecimento dos alunos é o que me faz recarregar as energias, porque tem horas que eu tenho vontade de chutar tudo para o alto, mas é sempre nesses momentos que aparecem aqueles alunos falando alguma coisa que reconforta ou que motiva, então sinto que devo seguir adiante, que estou no caminho certo.

Apêndice F – Entrevista com o Professor F

Sou professora há 17 anos. Acho que a relação professor-aluno é muito importante, mas não esqueço que as pessoas são diferentes, sempre digo para os meus alunos que cada pessoa é uma pessoa. Algumas vezes os pais vêm me dizer que determinado aluno não gosta de mim. Claro que nós seres humanos, em geral, não gostamos de todo mundo, mas acredito que, se eu conseguir driblar essa impressão ruim que fica no início, as coisas fluem melhor.

Às vezes, um aluno que tem dificuldade, na conversa com o pai, quando é orientado em casa, acabamos nos relacionando melhor e, conseqüentemente, o rendimento aumenta. Não tenho dúvida disso.

Não vou dizer que sou uma heroína, eu também posso criar alguma situação que deixe o nosso relacionamento mais complicado, porém, quando existe um vínculo afetivo, tudo fica bem melhor, bem mais ameno.

É claro que existe aquele aluno com muita dificuldade, que, às vezes, nem com vínculo adianta, alunos com dificuldades de anos e anos. Eu os pego na quinta série, e sei que tem alunos que vêm com deficiência lá da primeira série. Então às vezes somente o vínculo não ajuda. Lógico que é muito melhor quando existe uma empatia, uma relação boa. Não soluciona todos os problemas, mas, se não existisse essa relação, seria muito pior. Noto que com alguns alunos que não tenho um bom relacionamento as coisas ficam bem complicadas.

Tem alunos que, por mais que eu tente, não consigo atingir. Eu tenho um caso que o menino passou o ano passado abandonado, veio de ciclo, esse aluno não sabe somar três mais quatro; no ano passado nós não tivemos muito que fazer, somente adaptá-lo ao ensino regular, fizemos isso pensando que nesse ano ele se ambientaria, porém esse ano ele chegou igual. Resolvi conversar com a professora de Português para juntas pensarmos o que iríamos fazer com este menino, fizemos reunião com a supervisão e a direção, mas nada está resolvendo. Neste caso é bem nítido que o problema é de base, que em um ano não está se resolvendo, mesmo que eu tente, que eu perceba que é um menino carente. Dou bastante atenção, levo para conversar, mas nesse, como em muitos outros casos, esse tipo de tratamento não está adiantando, sinto que o problema é muito grave e requer outros tipos de cuidados e atenção. Acho que não estou atingindo esse aluno.

Às vezes acho que não estou atingindo determinado aluno, pois espero um retorno, uma resposta. Mas, então, paro para pensar e sinto que talvez eu até esteja atingindo, mas não da maneira que eu idealizei, que eu acredito que ele precisaria. Sinto uma agonia, fico pensando como é que pode chegar em uma quinta-série sem o básico para um bom desempenho matemático.

Tenho a sorte de ter turmas bem homogêneas, porém, todos os anos, o que considero normal, tem alunos com diferentes ritmos, nada que seja muito absurdo. Com esses procuro driblar as dificuldades, tento orientá-los. Os alunos que não conseguiram acertar todos os exercícios em aula eu digo para refazerem em casa, pois penso que tenho que ir adiante com o conteúdo, não acho justo com o restante da turma parar tudo e esperar que determinados alunos, com maior dificuldade, alcancem os demais.

Canso de ouvir que nós, professores, precisamos dar o tempo de todos, mas são trinta alunos, isso é impossível de ser feito, como disse anteriormente, cada pessoa é diferente da outra, com ritmos e habilidades distintas. Não posso esquecer que tem aqueles alunos que já estão lá adiante e que eu os estou travando em função de outros. Tento sempre encontrar um meio-termo para solucionar essas situações.

Cobro muito menos em prova do que eu dou em aula. Puxo muito eles em aula, nas correções aproveito para expandir os questionamentos, não ficando limitado apenas ao próprio exercício, utilizo as questões desenvolvidas para criar diferentes reflexões. A prova eu deixo mais objetiva, mais certinha, para que feche aquela média necessária ao final de cada trimestre.

Acho difícil encontrar um patamar, tenho muito cuidado para não fazer provas e testes fáceis demais, assim como cuido para não fazer muito difícil, mas confesso que ainda tenho muita dificuldade com isso.

Com os alunos que estão com muita dificuldade eu chamo a família, peço ajuda, aqui na escola temos a felicidade de ainda poder contar com a participação dos pais, eles são bem presentes, inclusive buscam reforço fora quando é necessário.

Em aula não consigo fazer um trabalho diferenciado, planejo a mesma aula para todos os alunos, independente do seu ritmo, procuro encontrar um patamar que não deixe parado quem tem mais facilidade e que faça com que aquele que está com mais dificuldade vá à busca de um melhor resultado. Tenho consciência que o

ideal seria fazer atividades diferenciadas, mas acho muito difícil, ainda não consegui fazer isso. Acho que é difícil planejar e acho que é difícil atender eles na aula com um trabalho diferenciado, não vejo como corrigir esses trabalhos. Quinta série é uma turma que borbulha, isso de uma maneira geral, em todos os meus anos de magistério ainda não encontrei nenhuma quinta que seja tranqüila. Às vezes faço jogos com eles, é o mais diferenciado que consigo desenvolver.

Avalio desempenho do aluno não somente com provas, faço trabalhos e valorizo bastante a sua participação em aula, olho os cadernos sempre que possível. É claro que eu apenas olho, acho impossível corrigir todos, vejo se está completo, enfim faço com que eles sintam que em determinado momento vou olhar os cadernos, sendo assim eles devem mantê-lo sempre completo, caprichado e organizado. Os alunos gostam, eles pedem para eu olhar, para a maioria, o caderno é motivo de orgulho.

Considero as minhas aulas bem tradicionais. Aula expositiva, quadro e giz, claro que nessas aulas expositivas eu cobro muito a participação deles, considero uma aula expositivo-dialogada, onde eles têm que questionar e responder inúmeras questões, não sou a única a falar. Provoco diferentes situações que façam com que eles desenvolvam suas próprias conclusões, construindo o seu próprio conhecimento.

Costumo fazer jogos, gosto de fazer gincana com eles, trabalhando bastante em grupos e duplas, acredito que eles se ajudam muito nessas situações. Todos os joguinhos são feitos por mim, tenho uma série de palavras cruzadas que eles adoram.

Eu dei aula quatro anos e fui para a direção de escola, na verdade experiência em sala de aula eu tenho pouco, eu fiquei nove anos afastada de sala de aula. Quando comecei aqui trabalhando vinte horas, depois de ter trabalhado quarenta, foi uma tranqüilidade, as turmas foram boas, o que me motivou a me organizar novamente. A cada ano o meu material está melhor, estou organizando um caderno com todas as atividades que tenho desenvolvido, assim no próximo ano não vou ter que pensar muito, apenas fazer uma adaptação do que já está pronto, o básico, ou seja, a idéia inicial já está esquematizada nesse caderno.

Não tenho muitos problemas em relação à comunicação com os meus alunos, porém, às vezes, eles aparecem. Eu acho que a minha matéria, ou seja, a Matemática, é tão envolvente que isso acaba ficando meio de lado. Mas é claro que

os problemas existem. Hoje mesmo uma menina me perguntou se eu tinha Orkut, disse a ela que não, claro que sei que existe uma diferença entre eu e eles, mas essa coisa deles me procurarem fora do contexto escolar, como é o caso do orkut, nos torna mais próximos. Os alunos gostam de conversar comigo sobre os mais variados assuntos, eu deixo, também gosto, porém fico sempre atenta para que esses momentos não fujam ao meu controle, quando sinto que o assunto está tomando outro rumo, dou uma driblada e retorno ao conteúdo da aula.

Converso bastante sobre futebol, sobre o campeonato que está para começar. Sou colorada e a maioria deles é gremista, esse assunto eu até que procuro puxar, porque sei que eles gostam, assim sinto que eles descontraem um pouco e encaram a aula com mais naturalidade. Acredito que assim criamos um laço de amizade, onde eles têm abertura para trazerem assuntos não estritamente ligados à Matemática.

Mas tenho bem claro que eu não tenho que me igualar a eles, e faço questão de deixar isso claro para eles também. Ajo de forma que eles não esqueçam que eu sou a Professora, mesmo com toda essa abertura.

Esse ano eu estou com turmas ótimas, mas sempre tenho um ou outro aluno que não atinge aquilo que eu esperava, com esses eu chamo a família, procuro saber o que está acontecendo fora da escola. Muitas vezes eu chamo a família, mas então noto aquele pai totalmente ausente, que alega que não sabia que o filho estava desse jeito, fico então me questionando: “Que pai é esse que não olha o caderno do filho, que não vê que o caderno está incompleto?”. Nessas situações vejo que o problema não é comigo, e sim da família, ou seja, da estrutura que está tendo essa criança. Eu não posso repor uma falta familiar. Tive um aluno que ficou ausente um mês, chamamos os pais, e a mãe veio reclamando que a escola deveria ter avisado antes. Mas essa mãe não folheou o caderno do filho, não viu que o menino tinha parado de fazer o caderno em determinada data?

Gosto muito do que eu faço, sinto-me realizada dando aulas. Claro que às vezes eu estou em casa e fico pensando que bom que eu não tive escola hoje. Mas quando eu estou aqui, quando estou na sala de aula sinto-me bem, o tempo passa voando, eu gosto muito. Principalmente quando estou tendo um retorno do trabalho e do tempo investido.

Sinto que a formação continuada é importante, mas não está nos meus planos, pelo menos não agora. Sinto isso porque nos últimos eventos que participei

até me entusiasmei na hora, fiquei com várias idéias, saí motivada, mas, quando cheguei novamente na sala de aula, percebi que muitas coisas não são viáveis, acabo-me desmotivando.

Não esquematizo verbalmente o contrato de trabalho, deixo isso para as séries iniciais, mas, subjetivamente, as regras e normas de convivência aparecem e são cobradas. Digo para turma o que eu espero deles, o que eles podem esperar de mim, explico como gosto de trabalhar, enfim fazemos nossas combinações desde o início do ano.

Considero meu trabalho muito importante; como eu trabalho somente com as quintas, sinto que estou formando a base para todo o desenvolvimento dessas pessoas que estão deixando de ser crianças para tornarem-se adolescentes; sinto-me com uma extrema responsabilidade. Acho que o meu trabalho é importante não somente para mim, mas para todos que estão envolvidos, ou seja, alunos, escola e, conseqüentemente, a sociedade.